

Curso de Graduação em

# Ciências Contábeis a distância

## ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

*Luiz Alberton*



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro Sócio-Econômico  
Departamento de Ciências Contábeis



---

A333a Alberton, Luiz

Análise das Demonstrações Contábeis / Luiz Alberton. 3. impri. – Florianópolis :  
Departamento de Ciências Contábeis / UFSC, 2013.

128 p.

Curso de Graduação em Ciências Contábeis

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-62894-19-0

1. Análise das demonstrações contábeis. 2. Padronização. 3. Estrutura. 4. Educação  
a distância. I Universidade Federal de Santa Catarina/Departamento de Ciências Contábeis.  
II. Título.

CDU: 657.4

---

## **GOVERNO FEDERAL**

**Presidente da República** – Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação** – Aloizio Mercadante

**Diretor de Educação a Distância da CAPES** – João Carlos Teatini de Souza Clímaco

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Reitor** – Roselane Neckel

**Vice-Reitor** – Lúcia Helena Pacheco

**Pró-Reitor de Assuntos Estudantis** – Simone Matos Machado

**Pró-Reitora de Pesquisa** – Jamil Assereuy Filho

**Pró-Reitora de Extensão** – Edison da Rosa

**Pró-Reitora de Pós-Graduação** – Joana Maria Pedro

**Pró-Reitora de Graduação** – Roselane Fátima Campos

**Secretária Especial da Secretaria Gestão de Pessoas** – Neiva Aparecida Gasparetto Cornélio

**Pró-Reitora de Planejamento e Orçamento** – Beatriz Augusto de Paiva

**Secretária de Cultura** – Paulo Ricardo Berton

**Coordenadora UAB/UFSC** – Sonia Maria Silva Correa de Souza Cruz

## **CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**

**Diretora** – Elisete Dahmer Pfitscher

**Vice Diretor** – Rolf Hermann Erdman

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**Chefe do Departamento** – Luiz Felipe Ferreira

**Subchefe do Departamento** – Joisse Antonio Lorandi

**Coord. Geral do Curso de Graduação na modalidade a distância** – Maria Denize Henrique Casagrande

**Coordenadora de Educação a Distância** – Eleonora Milano Falcão Vieira

**Coordenador de Tutoria** – Altair Borgert

**Coordenador de Pesquisa** - Darci Schnorrenberger

**Coordenador de TCC** – Roque Brinckmann

**Coordenador de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem** – Irineu Afonso Frey

**Coordenador Financeiro** – Erves Ducati

**Coordenadora Pedagógica** – Ernesto Fernando Rodrigues Vicente

### **EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL - PRIMEIRA EDIÇÃO**

**Coordenação de Design Instrucional** – Suelen Haidar Ronchi

**Design Instrucional** – Claudete Maria Cossa

**Revisão Textual** – Heloisa Pereira Hübbe de Miranda

**Coordenação de Design Gráfico** – Giovana Schuelter

**Design Gráfico** – Ana Flávia Maestri

Francielli Schuelter

**Ilustrações** – Ana Flávia Maestri

Aurino Manoel Neto

Francielli Schuelter

**Design de Capa** – Guilherme Dias Simões

Felipe Augusto Franke

Steven Nicolás Franz Peña

**Projeto Editorial** – André Rodrigues da Silva

Felipe Augusto Franke

Guilherme Dias Simões

Steven Nicolás Franz Peña

### **EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL - TERCEIRA EDIÇÃO**

**Coordenação de Design Instrucional** – Andreia Mara Fiala

**Coordenação de Design Gráfico** – Giovana Schuelter

**Design Gráfico** – Fabrício Sawczen

**Ilustrações** – Ana Flávia Maestri

Aurino Manoel Neto

Francielli Schuelter

**Design de Capa** – Guilherme Dias Simões

Felipe Augusto Franke

Steven Nicolás Franz Peña

**Projeto Editorial** – André Rodrigues da Silva

Felipe Augusto Franke

Guilherme Dias Simões

Steven Nicolás Franz Peña

## SUMÁRIO

<b>UNIDADE 1 – ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....</b>	<b>10</b>
1.1 Conceitos da análise das demonstrações contábeis .....	11
1.2 Histórico da análise das demonstrações contábeis .....	12
1.3 Objetivos da análise das demonstrações contábeis.....	13
1.4 Aspectos que devem ser considerados .....	15
Aspectos internos .....	15
Aspectos externos.....	16
1.5 Processo contábil .....	16
1.6 Processo de análise das demonstrações contábeis.....	17
1.7 Importância e usuários da análise das demonstrações contábeis .....	19
<b>UNIDADE 2 – ESTRUTURA DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS.....</b>	<b>24</b>
2.1 Relatórios publicados .....	25
Relatório da Administração (Diretoria) .....	25
Demonstrações Contábeis .....	25
Notas explicativas.....	26
Parecer dos auditores .....	27
2.2 Demonstrações contábeis .....	27
Balanço patrimonial .....	27
Demonstração do resultado.....	30
Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido .....	31
Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC).....	32
Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR) .....	36
Demonstração do Valor Adicionado – DVA .....	38
Balanço Social e Ambiental.....	40
<b>UNIDADE 3 – PADRONIZAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES</b>	
<b>CONTÁBEIS.....</b>	<b>48</b>
3 Padronização das Demonstrações Contábeis .....	49
<b>UNIDADE 4 – ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL.....</b>	<b>56</b>
4.1 Análise vertical .....	57
4.2 Análise horizontal.....	60
<b>UNIDADE 5 – ANÁLISES ATRAVÉS DE ÍNDICES OU QUOCIENTES.....</b>	<b>68</b>
5.1 Técnica de análise.....	69
5.2 Índices-padrão .....	70

## **UNIDADE 6 – ANÁLISE FINANCEIRA E ECONÔMICA.....76**

6.1 Estrutura de capitais .....	77
Participação de Capitais de Terceiros.....	77
Composição do Endividamento.....	78
Imobilização do Patrimônio Líquido (PL).....	79
Imobilização dos Recursos Não Correntes .....	79
6.2 Liquidez .....	80
Liquidez Imediata.....	80
Liquidez Geral (LG) .....	81
Liquidez Corrente (LC).....	81
Liquidez Seca (LS).....	81
6.3 Rentabilidade .....	82
Giro do Ativo .....	82
Margem Líquida (ML).....	83
Rentabilidade do Ativo (RA) .....	83
Rentabilidade do Patrimônio Líquido (RPL) .....	83

## **UNIDADE 7 – ÍNDICES COMPLEMENTARES.....86**

7.1 Índices ou quocientes de rotação ou de atividades.....	87
Rotação dos Estoques (RE) .....	87
Prazo Médio de recebimento de Contas a Receber .....	87
Prazo médio de Pagamentos de Contas a Pagar .....	88
Posicionamento Relativo de Recebimentos e Pagamentos .....	89
Rotação do Ativo.....	89
Ciclo Operacional e Ciclo Financeiro .....	90
7.2 Índices ou quocientes de capitais próprios.....	98
7.3 Índice ou quociente de estabilidade .....	98
7.4 Índices ou quocientes de interesse dos investidores.....	99
Rendimento Nominal das Ações.....	99
Rendimento Real das Ações.....	99
Rendimento Atualizado das Ações .....	100
Rendimento Total das Ações.....	100
Retorno do Capital Investido .....	100
Valor Patrimonial da Ação .....	100
7.5 Ebitda.....	101
7.6 Alavancagem financeira.....	101

<b>UNIDADE 8 – ANÁLISE DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA (DFC)</b> .....	<b>106</b>
8 Análise da Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC) .....	107
<b>UNIDADE 9 – ANÁLISE DO BALANÇO SOCIAL E BALANÇO AMBIENTAL</b> .....	<b>114</b>
9.1 Análise do balanço social e ambiental .....	115
9.2 Análise do valor adicionado ou agregado .....	116
<b>UNIDADE 10 – PRODUTO DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS</b> .....	<b>120</b>
10.1 Conteúdo do relatório .....	121
10.2 Relatório .....	124
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>126</b>
<b>SÍTIOS ELETRÔNICOS</b> .....	<b>127</b>

## **CARO(A) ALUNO(A),**

Desde o início do Curso de Graduação em Ciências Contábeis a distância, você vem lendo e ouvindo sobre a história da Contabilidade, seu surgimento, evolução, regulamentação e padronização.

No final do século XIX, em função da necessidade de conhecer melhor os dados e informações produzidos pela Contabilidade, surge a necessidade da busca de modelos que auxiliassem a tomada de decisão. Nesse momento, as instituições financiadoras passam a exigir das empresas tomadoras de empréstimos um padrão de informações para que pudessem ser estudadas por especialistas.

Nesse sentido, a busca de uma estrutura adequada para a realização dos estudos foi necessária. Surgem os primeiros grupos de contas do ativo e do passivo que forneceriam elementos para a construção de indicadores. Tais indicadores foram evoluindo, permitindo que várias técnicas fossem criadas para conhecer sob diversos ângulos ou focos a estrutura do balanço patrimonial das empresas.

Entra em cena a função do Analista de Balanços ou de Demonstrações Contábeis. Profissional altamente qualificado, que conhece e compreende cada detalhe das demonstrações contábeis. Sua função passa a ser transformar dados produzidos pela Contabilidade em informações para auxiliar proprietários de empresas, administradores, economistas, engenheiros, médicos, entre outras profissões, que não conhecem os jargões contábeis.

Bons profissionais da Contabilidade são aqueles que conseguem olhar para uma demonstração contábil e traduzir imediatamente dados em informações que auxiliam o usuário da Contabilidade na tomada de decisão.

Desejo a você um estudo muito dedicado e comprometido em aprender as teorias e técnicas de Análise das Demonstrações Contábeis. Sucesso!

*Luiz Alberton*



## Unidade 1

# **ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS**

O objetivo desta unidade é apresentar os conceitos da análise, histórico, objetivos, aspectos internos e externos que afetam as empresas, o processo contábil e de análise e a importância da análise aos usuários da Contabilidade.

Para a Análise das Demonstrações Contábeis, primeiramente, o analista precisa saber o que se pretende obter com a análise, conhecer seus métodos, quem são seus usuários, qual a validade, confiabilidade, extensão e profundidade da análise.

Através da Análise das Demonstrações Contábeis, também é possível realizar uma melhor avaliação das possíveis áreas de risco da empresa.

Objetivando abordar da melhor forma esta disciplina, serão apresentados os conceitos de Análise das Demonstrações Contábeis, como estas devem ser preparadas para análise, quais são os métodos de análise, suas principais características, etc.

## 1.1 CONCEITOS DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS



Alguns conceitos são importantes para compreender a Análise das Demonstrações Contábeis. Vamos a eles.

**Análise contábil:** análise que se fundamenta em normas, métodos e procedimentos indicados pela técnica e ciência da Contabilidade. Estudo de um ou vários fenômenos por suas partes, em um patrimônio (SÁ,1995).

**Demonstração contábil:** peça em forma técnica que evidencia um fato patrimonial, um conjunto de tais fatos ou todo o sistema de contas. São demonstrações contábeis o Balanço do Exercício, a Demonstração dos Resultados do Exercício, a Demonstração de Origem e Aplicações de Recursos, a Demonstração das Variações do Patrimônio, etc. (SÁ,1995).

Pela definição dos conceitos acima, pode-se afirmar que a Análise das Demonstrações Contábeis é um instrumento que possibilita conhecer melhor a evolução dos negócios das empresas e possibilita uma melhor análise e avaliação das políticas e estratégias de negócios adotadas pela administração da entidade.



## 1.2 HISTÓRICO DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

A Análise das Demonstrações Contábeis surgiu no sistema bancário no final do século XIX para auxiliar na concessão de empréstimos às empresas. As análises eram realizadas apenas em balanços. Os principais acontecimentos que ocorreram, segundo Matarazzo (1998), foram os seguintes:

- **1895:** o Conselho dos Bancos no Estado de New York recomenda a seus membros solicitar dos tomadores de empréstimos declarações escritas e assinadas de seus Ativos e Passivos (Circulante).
- **1900:** essa mesma associação divulgou um formulário de proposta de crédito que incluía espaço para o balanço (Circulante).
- **1913:** foram criados índices como: depósitos bancários em relação ao exigível, percentual de contas a receber em relação aos demais itens do ativo, percentual de estoques em relação a vendas anuais.
- **1915:** o Banco Central dos Estados Unidos determina que só poderiam ser redescontados os títulos negociados por empresas que tivessem apresentado seu balanço ao banco, medida que consagrou definitivamente o uso de demonstrações financeiras como base para a concessão de crédito.
- **1918:** o Banco Central dos Estados Unidos cria formulários padronizados para Balanço e Demonstração de Lucros e Perdas, bem como um esboço de procedimentos de auditoria e princípios de preparação de demonstrações financeiras.
- **1919:** Alexander Wall, considerado o pai da Análise de Balanços, cria um modelo de análise de balanços, através de índices e demonstrou a necessidade de considerar outras relações, além de Ativo e Passivo Circulante. Este autor também desenvolveu, em conjunto com outros autores, fórmulas matemáticas de avaliação de empresas. Também os analistas da época sentiam a necessidade de criar padrões de referência para auxiliar nas avaliações.
- **1923:** James H. Biss afirmava que em todos os ramos de atividades há certos coeficientes característicos que podem ser obtidos através de médias.

- **1925:** Stephen Gilman, realizando críticas à análise de coeficientes, propõe substituí-la pela construção de índices encadeados para indicar as variações ocorridas nos principais itens em relação ao ano-base, ou seja, surge a Análise Horizontal.
- **1931:** Dun e Bradstreet passaram a elaborar e divulgar índices padrão para diversos ramos de atividades, nos Estados Unidos.
- **1930-1940:** a empresa *Du Pont*, de Nemours, apresenta o *Return on Investment* (ROI), modelo de análise da rentabilidade de empresa decompondo a taxa de retorno em taxas de margem de lucro e giro dos negócios, chamado análise ROI.
- **1968:** a Análise de Balanços no Brasil era ainda um instrumento pouco utilizado na prática, sendo difundido a partir da década de 1970.

A Análise das Demonstrações Contábeis surgiu por motivos eminentemente práticos e mostrou-se desde logo um instrumento de grande utilidade.

Alguns dos índices que surgiram inicialmente permanecem em uso até hoje. Com o passar do tempo, porém, seguindo a tendência natural da sociedade moderna, as técnicas de análise foram aprimoradas, refinadas e tornaram-se objeto de estudo das universidades; fazem parte destas técnicas os avançados conhecimentos de estatística e matemática.

### 1.3 OBJETIVOS DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

O objetivo da Análise das Demonstrações Contábeis consiste em extrair informações dessas demonstrações, tornando-as úteis à tomada de decisões, mediante o emprego de técnicas específicas e do próprio “*feeling*” (sentido) do analista.

A preocupação inicial dos profissionais ligados à Contabilidade estava relacionada com a preparação das Demonstrações Contábeis, de acordo com os princípios e convenções de contabilidade geralmente aceitos, e atender ao fisco e à auditoria externa.



Compreendem as Demonstrações Contábeis o **Balanco Patrimonial**, a **Demonstração do Resultado do Exercício**, a **Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados**, **Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos** e a **Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido**.

As demonstrações contábeis são elaboradas de acordo com as regras contábeis e fornecem dados sobre a empresa. A análise dessas demonstrações é o processo de transformação de dados em informações e quanto melhores informações produzir, mais será eficiente.

Segundo Matarazzo (1998), a distinção entre dados e informações é a seguinte:

- **Dados** são números ou descrição de objetos ou eventos que, isoladamente, não provocam nenhuma reação no leitor.
- **Informações** representam, para quem as recebe, uma comunicação que pode produzir reação ou decisão, frequentemente acompanhada de um efeito surpresa.

Os usuários estão interessados nas informações que são extraídas das demonstrações contábeis. O grau de excelência da Análise das Demonstrações Contábeis é dado exatamente pela qualidade das informações que são geradas.



Vejamos agora dois exemplos da transformação de dados em informações.

Florianópolis tem 400.000 habitantes; tem-se um **dado**. Quando se divide o Produto Bruto de Florianópolis por esse dado, encontra-se a renda *per capita*. Ao comparar esta renda com a de outras cidades e construir uma série histórica dela, pode-se chegar à conclusão de que, Florianópolis é uma cidade com riqueza razoável e que vem se mantendo a posição em relação a outras cidades brasileiras. Neste momento tem-se uma **informação**.

Outro exemplo de um **dado** é quando as demonstrações contábeis mostram que a empresa tem \$1 milhão de dívida. Mas, a conclusão de que a dívida é normal ou é excessiva, de que a empresa pode pagá-la ou não é **informação**.

Podem ser apresentados centenas de números (dados) na publicação das demonstrações contábeis de uma empresa. Em média estas demonstrações apresentam as seguintes cifras:

- Balanço: 40
- Demonstração de Resultado: 20
- Demonstração dos Fluxos de Caixa: 12
- Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido: 40

Portanto, há necessidade de reduzir a quantidade de dados contidos nas demonstrações contábeis, para que sejam mais fáceis de serem comparadas com empresas concorrentes.

Nessas empresas perfazem 120 importâncias, já nas companhias abertas, em função da publicação comparativa, passa-se para 240 algarismos publicados. Nas publicações integrais chega-se a 480 cifras. É excesso de valores para quem muitas vezes deseja apenas saber se a empresa pode ou não receber créditos.

### **1.4 ASPECTOS QUE DEVEM SER CONSIDERADOS DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS**

Devem ser considerados na Análise das Demonstrações Contábeis os aspectos internos e externos.

#### **1.4.1 ASPECTOS INTERNOS**

Como aspectos internos é importante que sejam coletadas informações sobre a cultura da empresa tais como: organização familiar, profissional ou mista; predomínio de um único dirigente, etc. que acabam condicionando o tipo de organização e a capacidade da empresa para enfrentar os desafios que lhe são impostos.

Outro aspecto importante diz respeito ao conhecimento dos custos internos dos recursos, isto é, a inflação própria da empresa e os custos próprios para captação de recursos externos.



## 1.4.2 ASPECTOS EXTERNOS

Quanto aos aspectos externos podem ser listados os seguintes:

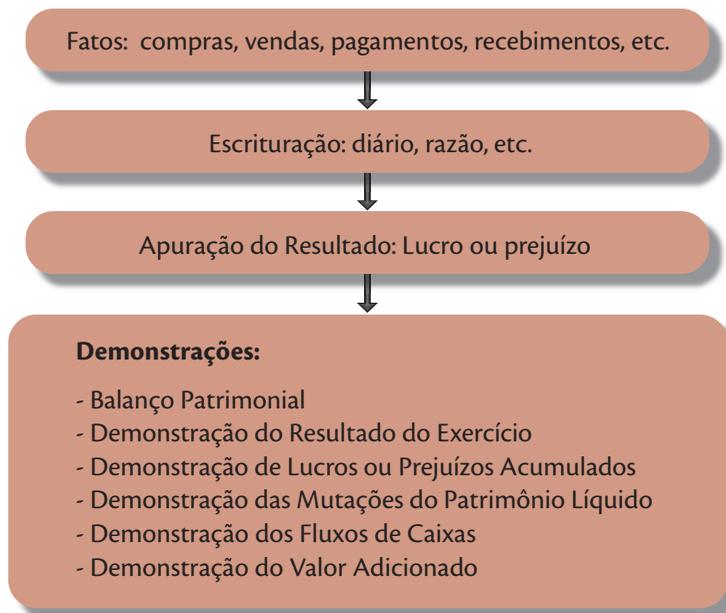
- Situação presente e futura da economia nacional e internacional e suas influências no mercado interno, nas exportações e nas importações realizadas pela empresa.
- Grau de suscetibilidade da empresa à inflação, à recessão, ao câmbio, às altas taxas de juros, às pressões sociais, etc. Em 2008/2009 quantas empresas passaram por dificuldades em função de problemas na economia norte-americana?
- Situação do ramo de negócios ao qual a empresa pertence e estágio de vida econômica em que se encontram posicionados seus produtos (infância, maturidade ou senilidade, que determinam a ascensão, estabilidade ou decadência das atividades).
- O tempo de desenvolvimento dos produtos está cada vez mais longo, ao passo que suas vidas úteis, pelos efeitos das reações dos concorrentes e pela adoção de tecnologias de ponta, estão cada vez mais curtas (NASSIF, 1999 apud ALBERTON, 2002).
- Reflexos das políticas governamentais nos negócios da empresa, tais como: reserva de mercado x abertura aos produtos estrangeiros; restrição para importações x confisco cambial; preços liberados x tabelamento; aumento da carga tributária e/ou dos encargos sociais; restrições com vistas à preservação do meio ambiente, etc.

Unindo-se os aspectos acima citados aos dados extraídos das demonstrações contábeis, o diagnóstico sobre a situação da empresa poderá ser muito mais preciso.

## 1.5 PROCESSO CONTÁBIL

Para o contador, a preocupação básica são os registros das operações. Na aquisição de um equipamento, por exemplo, quais os custos de aquisição, qual a taxa de depreciação, qual será a classificação no balanço e sua atualização monetária?

O contador procura captar, organizar e compilar dados. Sua matéria-prima são fatos de significado econômico-financeiro expressos em moeda. Seu produto final são as demonstrações financeiras.



**Figura 1** – Processo contábil.  
Fonte: Adaptado de Ribeiro (1997) e Lei 11.638 (2007).

Conhecido o processo de elaboração das demonstrações contábeis, passa-se a seguir a apresentar o processo de análise desses demonstrativos.

## 1.6 PROCESSO DE ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

A tarefa do analista das demonstrações contábeis inicia quando termina a atividade do contador.

O processo de análise começa a partir da elaboração das demonstrações contábeis pela Contabilidade.

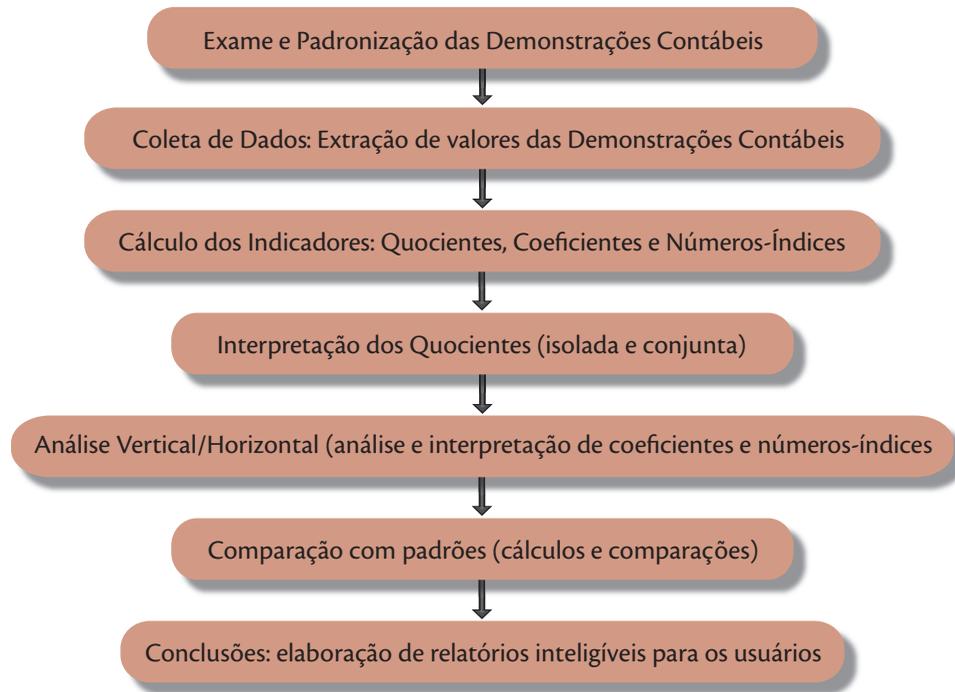


Figura 2 – Processo de Análise das Demonstrações Contábeis.  
Fonte: Adaptado de Ribeiro (1997).

Então, pode-se apresentar o seguinte fluxo do processo contábil e de análise:

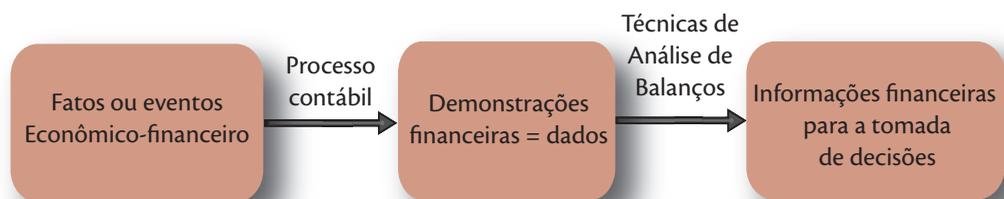


Figura 3 – Sequência do processo contábil e de análise.  
Fonte: Matarazzo (1998, p. 18).

O analista contábil se preocupa com as demonstrações contábeis que, por sua vez, precisam ser transformadas em informações que permitam concluir se a empresa merece ou não crédito, se vem sendo bem ou mal administrada, se tem ou não condições de pagar suas dívidas, se é ou não lucrativa, se vem evoluindo ou regredindo, se é eficiente ou ineficiente, se irá falir ou se continuará operando.

O grau de excelência da Análise das Demonstrações Contábeis é dado exatamente pela qualidade e extensão das informações que conseguir gerar.

## 1.7 IMPORTÂNCIA E USUÁRIOS DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

O processo de tomada de decisão, assim como a Análise das Demonstrações Contábeis, obedece ao mesmo raciocínio:

- Extraem-se os índices das demonstrações contábeis.
- Comparam-se os índices calculados com índices padrão.
- Ponderam-se as informações e chega-se a um diagnóstico ou conclusões.
- Tomam-se decisões.

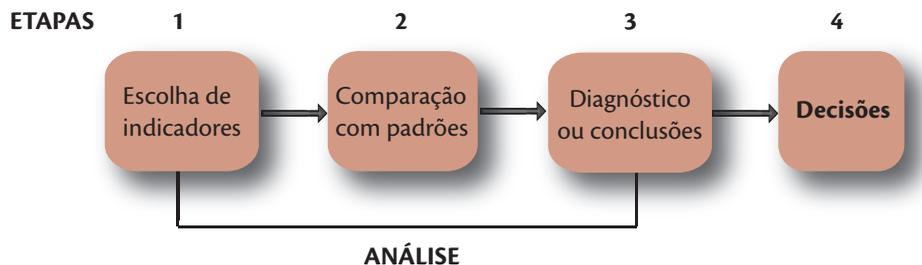


Figura 4 – Processo de tomada de decisão.  
Fonte: Matarazzo (1998, p. 21).

A Contabilidade, como um sistema de informações, produz informações para usuários internos e externos à empresa.

**Internamente**, a Contabilidade, através das informações geradas pela contabilidade de custos ou contabilidade gerencial, auxilia no processo de tomada de decisão através do fluxo contínuo de informações sobre a gestão empresarial.

**Externamente**, os maiores interessados são:

- **os investidores**: os relatórios contábeis mostram a situação econômico-financeira da empresa, os resultados de um determinado período e outras informações, tais como os investimentos efetuados e o



que lhes cabe em termos de dividendos. Estas e outras informações possibilitam-lhes conhecer as vantagens e desvantagens de seu investimento e decidir sobre a conveniência de mantê-lo, desfazer-se dele ou aumentá-lo;

- **os credores:** são por meio das demonstrações contábeis que eles decidem sobre a conveniência de emprestar ou não recursos para empresas. As demonstrações contábeis dão uma boa ideia da capacidade da empresa de gerar recursos suficientes para liquidação de seus compromissos nos prazos estabelecidos. Permite, assim, avaliar o risco do empréstimo ou do crédito concedido; e
- **o governo:** tem interesse nas informações contábeis porque é baseado na contabilidade que se faz a arrecadação de quase todos os tributos. Tais informações também ajudam na fixação de políticas econômica, fiscal e monetária. Estas políticas podem ser auxiliadas pela análise estatística de dados contábeis disponíveis nas demonstrações contábeis, que podem ser o redesconto, o tabelamento de taxas de juros, a atuação do mercado, etc.

Os administradores estão interessados no acompanhamento da *performance* e, para isto, confrontam os dados reais com os projetados, dando apoio ao processo de planejamento e controle das operações da empresa.



Exemplificando, pela Análise das Demonstrações Contábeis é possível avaliar a paralisação de uma indústria, avaliar o nível que uma empresa é afetada pelo aparecimento de um concorrente ou poderia se descobrir que a política do concorrente é crescer o mais rápido para ganhar mercado, mesmo que houvesse sacrifício da rentabilidade. Já com a análise de Duplicatas a Receber, poderia ser apontada uma nova política de *marketing*.

O analista, através do diagnóstico, pode determinar quais são os pontos fortes e fracos de uma empresa e demonstrar as prioridades para a solução dos problemas críticos. Através da Análise das Demonstrações Contábeis é possível ter uma visão da estratégia e dos planos da empresa permitindo estimar o seu futuro, suas limitações e suas potencialidades. Daí a importância da análise para os fornecedores, financiadores, acionistas e os empregados que pretendam relacionar-se com a empresa.

Os usuários da Análise das Demonstrações Contábeis podem ser:

- **Fornecedores:** precisam conhecer a capacidade de pagamento (liquidez) de seus clientes, bem como, em função da publicação anual das demonstrações contábeis, conhecer a rentabilidade e o endividamento.
- **Clientes (compradores):** são raros os casos em que o comprador analisa a situação do fornecedor, mas conhecer a capacidade de expansão, produção e realização de pesquisas e de desenvolvimento que o fornecedor possui é importante para a segurança da empresa, principalmente, quando a empresa compra apenas de um fornecedor.
- **Bancos:** concedem crédito a curto, médio e longo prazos aos clientes, por isto devem conhecer seus históricos, suas situações atuais e fazer projeções futuras. Ex.: os bancos sabem que o grau de endividamento é forte indicador de insolvência.
- **Sociedades de crédito imobiliário:** também precisam conhecer a situação de seus clientes para conceder financiamentos.
- **Sociedades financeiras:** estas sociedades concedem crédito diretamente aos consumidores. As empresas comerciais vendem para seus clientes e estes recebem o crédito da Sociedade Financeira, sendo que a loja intervém como avalista dos empréstimos. E por isto tais sociedades necessitam conhecer a capacidade da loja em avalizar seus clientes.
- **Corretoras de valores e público investidor:** as corretoras de valores e o público investidor fazem análise para investimento em ações. Além da análise financeira, levam em conta outros fatores relacionados especificamente ao preço e à valorização de ações. A preocupação das corretoras está na rentabilidade das empresas.
- **Concorrentes:** a situação dos concorrentes pode ser fator de sucesso ou de fracasso da empresa no mercado. Conhecer a situação dos concorrentes pode auxiliar nas decisões de lançar novos produtos, construir uma fábrica ou conceder prazos de financiamentos. Também é importante a empresa saber qual sua posição em relação a seus concorrentes e como se situa quanto à liquidez e à rentabilidade.
- **Dirigentes:** é um instrumento auxiliar na formulação de estratégia da empresa, e tanto pode fornecer subsídios úteis como informa-



ções fundamentais sobre a rentabilidade e a liquidez da empresa hoje, em comparação com as dos balanços orçados. É útil para projetar qual será a liquidez da empresa no próximo ano, obtida a partir do balanço orçado. Verificar se esta liquidez permitirá folga suficiente, se dará flexibilidade aos administradores financeiros, verificar o índice de rotação de estoques que a empresa deverá ter nos próximos exercícios.

- **Governo:** utilização em concorrências públicas, escolhendo a empresa que possui melhores condições financeiras. É útil para acompanhar o desempenho de empresas de serviços públicos, conhecendo suas políticas de desenvolvimento e rentabilidade, acompanhar os setores da economia, como o financeiro, de seguros, etc.

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você pode perceber a importância do processo contábil no processo de Análise das Demonstrações Contábeis, os aspectos que devem ser considerados, a diferença entre dados e informações, bem como o processo de tomada de decisão.



Assista no AVEA a vídeoaula correspondente a esta unidade.



## Unidade 2

# **ESTRUTURA DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS**

O objetivo desta unidade é conhecer a estrutura das demonstrações contábeis e, de forma tradicional, como são publicadas periodicamente.

---

Através de uma abordagem resumida, apresenta-se o que revelam as demonstrações contábeis e cada uma das principais contas que nela aparecem quando publicadas.

## 2.1 RELATÓRIOS PUBLICADOS

Os relatórios publicados, pelas companhias subordinadas à Comissão de Valores Imobiliários (CVM), são os seguintes:

### 2.1.1 RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO (DIRETORIA)

É um relatório feito pelos administradores que evidencia os negócios sociais e principais fatos administrativos ocorridos no exercício (aspectos de desempenho, estratégias de vendas, compras, expansão, legislação, política financeira, política de recursos humanos, etc.), os investimentos em outras empresas, a política de distribuição de dividendos, de reinvestimentos de lucros, etc., bem como as perspectivas para o(s) próximo(s) período(s).

### 2.1.2 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Até 31 de dezembro de 2007 as demonstrações contábeis, de acordo com o artigo 176 da Lei n. 6.404/1976, eram: o balanço patrimonial, a demonstração dos lucros ou prejuízos acumulados, a demonstração do resultado do exercício, a demonstração das origens e aplicações de recursos e as notas explicativas.

Com a Lei 11.638/2007 e Medida Provisória (MP) 449/2008 aprovada pela **Lei n. 11.941/2009 (LEI ORDINÁRIA), de 27/05/2009**, as demonstrações são compostas pelo: Balanço Patrimonial (BP), pela Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados (DLPA), que poderá ser substituída pela Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido (DMPL) (uma vez que esta contém aquela), pela Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR) (Lei n. 11.638/2007 substitui a DOAR pela DFC), Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) e Demonstração do Valor Adicionado (DVA).



Existem outros demonstrativos contábeis não obrigatórios, mas que as empresas podem publicar ou colocar à disposição dos usuários. Um deles pode ser o Balanço Social, que amplia as informações contidas na DVA, principalmente no que se refere à proteção e consciência ambiental.

De acordo com a Resolução CFC n. 1.121/2008, as demonstrações contábeis atendem às necessidades de seus usuários para as tomadas de decisões econômicas, conforme segue:

- decidir quando comprar, manter ou vender um investimento em ações;
- avaliar a Administração quanto à responsabilidade que lhe tenha sido conferida, qualidade de seu desempenho e prestação de contas;
- avaliar a capacidade da entidade de pagar seus empregados e proporcionar-lhes outros benefícios;
- avaliar a segurança quanto à recuperação dos recursos financeiros emprestados à entidade;
- determinar políticas tributárias;
- determinar a distribuição de lucros e dividendos;
- preparar e usar estatísticas da renda nacional; ou
- regulamentar as atividades das entidades.

### **2.1.3 NOTAS EXPLICATIVAS**

São informações complementares às contidas nas demonstrações financeiras, de natureza patrimonial, econômica, financeira, legal, física e social, bem como os eventos subsequentes à data de encerramento das mesmas e os critérios utilizados na sua elaboração.

## 2.1.4 PARECER DOS AUDITORES

O auditor por meio do Parecer, que é um relatório resumido, expressa sua opinião sobre as demonstrações contábeis auditadas obedecendo às normas usuais de auditoria.

A estrutura básica das demonstrações contábeis (financeiras), referidas anteriormente, é determinada pelas leis n. 6.404/76 e n. 11.638/2007 (auditoria para companhias limitadas consideradas de grande porte) das sociedades por ações.

## 2.2 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Neste tópico são apresentadas as principais demonstrações contábeis exigidas por leis e outras que podem auxiliar na tomada de decisão.

### 2.2.1 BALANÇO PATRIMONIAL

É a demonstração que apresenta todos os bens e direitos da empresa (Ativo), as obrigações (Passivo Exigível) e o Patrimônio Líquido, que representa o capital investido pelos proprietários da empresa, oriundos de integralizações ou gerados pelas operações da empresas.

De acordo com a Lei n. 11.941/2009, o Balanço Patrimonial é composto pelos grupos apresentados no Quadro 1.

ATIVO	PASSIVO
I – Ativo circulante II – Ativo não circulante, composto por ativo realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível	I – Passivo circulante II – Passivo não circulante III – Patrimônio líquido, dividido em capital social, reservas de capital, ajustes de avaliação patrimonial, reservas de lucros, ações em tesouraria e prejuízos acumulados

Quadro 1 – Grupos de contas–Balanço Patrimonial, de acordo com a Lei n. 11.941/2009.

De acordo com a Lei n. 6.404/76 e a Lei n. 11.941/2009, as contas serão classificadas conforme Quadro 2.



<b>ATIVO</b>	<b>PASSIVO</b>
<b>Circulante</b> <b>Não circulante</b> Realizável a longo prazo Investimentos Imobilizado Intangível	<b>Circulante</b> <b>Não circulante</b> <b>Patrimônio líquido</b> Capital social Reservas de capital Ajustes de avaliação patrimonial Reservas de lucros Ações em tesouraria Prejuízos acumulados

Quadro 2 – Estrutura do balanço patrimonial alterada de acordo com a Lei n. 11.941/2009.



Observe que no Ativo foram eliminados o Grupo de Contas Permanentes e o Subgrupo de Contas Diferido. No Passivo foi eliminado o Grupo de Contas Resultado de Exercícios Futuros e Passivo Exigível a Longo Prazo. Também cabe observar que foi incluído o Grupo de Contas Não Circulante tanto no Ativo como no Passivo.

De acordo com a Lei n. 6.404/76, o Balanço Patrimonial deve conter os seguintes grupos de contas (MATARAZZO, 1998) e Lei 11.941/09:

## **ATIVO**

### **ATIVO CIRCULANTE**

- Disponibilidades.
- Direitos realizáveis no curso do exercício social seguinte.
- Aplicações de recursos em despesas do exercício seguinte.

### **ATIVO NÃO CIRCULANTE**

#### **Realizável a longo prazo**

- Direitos realizáveis após o término do exercício seguinte.
- Direitos derivados de adiantamentos ou empréstimos a sociedades coligadas ou controladas, diretores, acionistas ou participantes no lucro da companhia, que não constituírem negócios usuais na exploração do objeto da companhia.

**Investimentos**

- Participações permanentes em outras sociedades e direitos de qualquer natureza, não classificáveis no Ativo Circulante, ou Realizável a Longo Prazo que não se destinem à manutenção da atividade da companhia ou empresa.

**Imobilizado**

- Direitos que tenham por objeto bens destinados à manutenção das atividades da companhia ou empresa, ou exercidos com essa finalidade, inclusive os de propriedade comercial ou industrial.

**Intangível**

- Engloba os bens incorpóreos, inclusive o *goodwil* adquirido.

**PASSIVO**

**Passivo circulante**

- obrigações da companhia, inclusive financiamentos para a aquisição de direitos do Ativo Permanente quando vencerem no exercício seguinte.

**Passivo não circulante**

- Obrigações vencíveis em prazo maior do que o exercício seguinte.

**Patrimônio líquido**

- Capital social
- Reservas de capital
- Ajustes de avaliação patrimonial
- Reservas de lucros
- Ações em tesouraria
- Prejuízos acumulados



## 2.2.2 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

A Demonstração do Resultado do Exercício expressa os aumentos e reduções causados no Patrimônio Líquido pelas operações da empresa. As receitas representam normalmente aumento do Ativo, através de ingresso de novos elementos, como duplicatas a receber ou dinheiro proveniente das transações. Aumentando o Ativo, aumenta o Patrimônio Líquido. As despesas representam redução do Patrimônio Líquido, através de um entre dois caminhos possíveis: redução do Ativo ou aumento do Passivo Exigível.

A Demonstração do Resultado é a representação do fluxo econômico e não do fluxo monetário (fluxo de dinheiro). A depreciação, como exemplo, é a representação de uma despesa que não foi desembolsada, a receita de equivalência patrimonial (em controladas e coligadas) é uma receita devida ao aumento dos investimentos (e do Patrimônio Líquido), sem entrada de recursos monetários (MATARAZZO, 1998).

Segundo as leis n. 6.404/76 e n. 11.941/09, a Demonstração do Resultado do Exercício discriminará os seguintes elementos:

### RECEITA BRUTA DAS VENDAS E SERVIÇOS

- (-) Deduções
- (-) Abatimentos
- (-) Impostos
- (=) Receita Líquida das Vendas e Serviço
- (-) Custo das Mercadorias e Serviços Vendidos
- (=) Lucro Bruto
- (-) Despesas com Vendas
- (-) Despesas Financeiras (deduzidas das Receitas Financeiras)
- (-) Despesas Gerais e Administrativas
- (-) Outras Despesas Operacionais

- (+) Outras Receitas Operacionais
- (=) Lucro ou Prejuízo Operacional
- (+) outras receitas
- (-) outras despesas
- (=) Resultado do Exercício antes do Imposto de Renda
- (-) Imposto de Renda e Contribuição Social
- (-) Participações de Debêntures
- (-) Participação dos Empregados
- (-) Participação de Administradores e Partes Beneficiárias
- (-) Contribuições para Instituições ou Fundo de Assistência ou Previdência de Empregados
- (=) Lucro ou Prejuízo Líquido do Exercício
- = Lucro ou Prejuízo por Ação

### **2.2.3 DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO**

A Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido é um relatório contábil que demonstra as variações ocorridas nas contas integrantes do grupo Patrimônio Líquido entre dois balanços. Estas variações podem ter ocorrido entre dois balanços, independentemente da origem da variação, seja ela proveniente da correção monetária, de aumento de capital, de reavaliação de elementos do ativo, de lucro ou de simples transferência entre contas, dentro do próprio Patrimônio Líquido.

DESCRIÇÃO	CAPITAL REALIZADO	CAPITAL	RESERVAS DE REAVALIAÇÃO	LUCROS	LUCROS OU PREJUÍZOS ACUMULADOS	TOTAL
Saldo em 31.12 anterior						
Ajustes ex. anteriores						
Aumentos de Capital:						
Com Reservas e lucros						
Por novas integralizações						
Reversões de Reservas						
Lucro Líq. do exercício						
Destinação do Lucro						
Reserva legal						
Reserva Estatutária						
Outras reservas						
Dividendos						
Saldo em 31.12. atual						

Quadro 3 – Modelo de Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido.

Fonte: Adaptado de Ribeiro (1997).

## 2.2.4 DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA (DFC)

Com a Lei n. 11.638/2007, passou a ser obrigatória a Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC), em substituição à DOAR, para todas as sociedades de capital aberto e as de capital fechado com patrimônio líquido igual ou superior a R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais).

De acordo com a Resolução do CFC n. 1.125/2008, a DFC tem o objetivo de:

proporcionar aos usuários das demonstrações contábeis uma base para avaliar a capacidade de a entidade gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades de liquidez. As decisões econômicas que são tomadas pelos usuários exigem avaliação da capacidade de a entidade gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como da época e do grau de segurança de geração de tais recursos.

A mesma Resolução aponta como benefícios das informações apresentadas pelo demonstrativo dos fluxos de caixa:

- proporcionar informações que habilitam os usuários a avaliar as mudanças nos ativos líquidos de uma entidade;
- avaliar a estrutura financeira (inclusive sua liquidez e solvência);
- avaliar a capacidade para alterar os valores e prazos dos fluxos de caixa, a fim de adaptá-los às mudanças nas circunstâncias e oportunidades;
- avaliar a capacidade de a entidade gerar recursos;
- possibilitar aos usuários desenvolver modelos para avaliar e comparar o valor presente de futuros fluxos de caixa de diferentes entidades;
- verificar a exatidão das avaliações feitas, no passado, dos fluxos de caixa futuros, assim como para examinar a relação entre a lucratividade e os fluxos de caixa líquidos e o impacto de variações de preços.

O Quadro 4 apresenta as definições dos termos usados na DFC.

TERMO	DEFINIÇÃO
Caixa	compreende numerário em espécie e depósitos bancários disponíveis
Equivalentes de caixa	são aplicações financeiras de curto prazo, de alta liquidez, que são prontamente conversíveis em um montante conhecido de caixa e que estão sujeitas a um insignificante risco de mudança de valor.
Fluxos de caixa	são as entradas e saídas de caixa e equivalentes de caixa.
Atividades operacionais	são as principais atividades geradoras de receita da entidade e outras atividades diferentes das de investimento e de financiamento.
Atividades de investimento	são as referentes à aquisição e à venda de ativos de longo prazo e de outros investimentos não incluídos nos equivalentes de caixa.
Atividades de financiamento	são aquelas que resultam em mudanças no tamanho e na composição do capital próprio e no endividamento da entidade, não classificadas como atividade operacional.

Quadro 4 – Definições dos termos usados na DFC.

Fonte: adaptado do CFC (2008).

A demonstração dos fluxos de caixa deve apresentar os fluxos de caixa do período, que devem ser classificados por atividades operacionais, de investimento e de financiamento.

Há dois métodos de elaborar o fluxo de caixa, pelo método direto e método indireto.



Pelo método direto a entidade fará o confronto direto entre as contas da Demonstração de Resultado e as contas do Balanço Patrimonial, detalhando as entradas e saídas de caixa.

O modelo direto, parte dos fluxos financeiros, percebemos facilmente os pontos críticos dos desembolsos da empresa, bem como as fontes das entradas dos recursos. É uma análise quantitativa dos recursos da empresa.

Já no método indireto, os recursos provenientes das atividades operacionais são demonstrados a partir do lucro líquido, ajustado pelos itens considerados em contas de resultado, porém sem afetar o caixa da empresa, tais como depreciações, exaustões, amortizações, etc.

No modelo indireto, percebemos mais facilmente os fatores que contribuíram para a redução ou aumento de caixa, pois parte da análise econômica. A desvantagem desse método é o ajuste necessário no lucro líquido para confirmar o valor do disponível. É uma análise qualitativa dos recursos da empresa.

No Quadro 5 apresenta-se a demonstração dos fluxos de caixa pelo método direto.

<b>DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA PELO MÉTODO DIRETO</b>	<b>20X2</b>
<b>Fluxos de caixa das atividades operacionais</b>	
Recebimentos de clientes	30.150
Pagamentos a fornecedores e empregados	(27.600)
Caixa gerado pelas operações	2.550
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	(100)
<b>Caixa líquido proveniente das atividades operacionais</b>	<b>1.380</b>
<b>Fluxos de caixa das atividades de investimento</b>	
Aquisição da controlada X líquido do caixa incluído na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebido pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
<b>Caixa líquido usado nas atividades de investimento</b>	<b>(480)</b>
<b>Fluxos de caixa das atividades de financiamento</b>	
Recebido pela emissão de ações	250
Recebido por empréstimo a logo prazo	250
Pagamento de passivo por arrendamento	(90)
Dividendos pagos*	(1.200)
<b>Caixa líquido usado nas atividades de financiamento</b>	<b>(790)</b>
<b>Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa</b>	<b>110</b>
<b>Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)</b>	<b>120</b>
<b>Caixa e equivalentes de caixa no fim do período (Nota C)</b>	<b>230</b>

O Quadro 6 apresenta a demonstração dos fluxos de caixa pelo método indireto.

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA PELO MÉTODO INDIRETO	20X2
<b>Fluxos de caixa das atividades operacionais</b>	
Lucro líquido antes do imposto de renda e contribuição social	3.350
Ajustes por:	
Depreciação	450
Perda cambial	40
Renda de investimentos	(500)
Despesas de juros	400
	3.740
Aumento nas contas a receber de clientes e outros	(500)
Diminuição nos estoques	1.050
Diminuição nas contas a pagar – fornecedores	(1.740)
Caixa proveniente das operações	2.550
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	(100)
<b>Caixa líquido proveniente das atividades operacionais</b>	<b>1.380</b>
<b>Fluxos de caixa das atividades de investimento</b>	
Aquisição da controlada X menos caixa líquido incluído na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
<b>Caixa líquido usado nas atividades de investimento</b>	<b>(480)</b>
<b>Fluxos de caixa das atividades de financiamento</b>	
Recebimento pela emissão de ações	250
Recebimento por empréstimos a longo prazo	250
Pagamento de obrigação por arrendamento	(90)
Dividendos pagos*	(1.200)
<b>Caixa líquido usado nas atividades de financiamento</b>	<b>(790)</b>
<b>Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa</b>	<b>110</b>
<b>Caixa e equivalentes de caixa no início do período</b>	<b>120</b>
<b>Caixa e equivalentes de caixa no fim do período</b>	<b>230</b>
(*) Esse valor também pode ser apresentado no fluxo de caixa das atividades operacionais.	

Quadro 6 – Exemplo de fluxo de caixa pelo modelo indireto.  
Fonte: Adaptado CFC (2008).



Apesar de não ser mais obrigatória pela Lei 11.638/2007, a seguir será apresentada a DOAR, por ser um demonstrativo que pode auxiliar os gestores na tomada de decisão.



## 2.2.5 DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS (DOAR)

Essa demonstração era disciplinada pela Lei 6.404/76, Art. 188. A demonstração das origens e aplicações de recursos indicava as modificações na posição financeira da companhia.

A Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR) evidencia a variação do Capital Circulante Líquido (CCL) no início e no final do exercício, indicando as modificações na posição financeira da companhia.

A diferença entre as novas origens não circulantes e as novas aplicações não circulantes será igual ao CCL.

O CCL é obtido pela fórmula:

**AC (Ativo Circulante) – PC (Passivo Circulante).**

O balanço deixa claro quais os recursos adicionais de que a empresa se utilizou e em que os aplicou, ou seja, como a empresa passou de determinada posição de investimentos e financiamentos para outra posição.

A DOAR propicia conhecer como fluíram os recursos ao longo de um exercício, quais foram os recursos obtidos, qual a participação das transações comerciais no total de recursos gerados e como foram aplicados os novos recursos.

Apresenta-se no Quadro 7 os componentes de um modelo da DOAR.

**ORIGENS DE RECURSOS:**

• DAS OPERAÇÕES:

- Lucro Líquido do Ano
- Mais: • Depreciação e Amortizações
  - Resultado da Correção Monetária do Exercício (saldo devedor)
  - Variações Monetárias de Empréstimos e Financiamentos a Longo Prazo
- Menos: • Participação nos Resultados de Controladas e Coligada (deduzida dos dividendos recebidos)
  - Resultado da Correção Monetária (saldo credor)
  - Resultado na Alienação de Bens do Imobilizado

*Total das Operações*

• DOS ACIONISTAS:

- Integralização de Capital

• DE TERCEIROS:

- Ingresso de Empréstimos a Longo Prazo
- Alienação de itens do Imobilizado (valor de venda)
- Resgate de Investimentos Temporários a Longo Prazo

*Total das Origens*

**APLICAÇÕES DE RECURSOS:**

- Aquisições de Direitos do Imobilizado
- Adições ao Custo no Ativo Diferido
- Aplicações em Investimentos Permanentes em outras Sociedades
- Aplicações em Investimentos Temporários a Longo Prazo
- Transferências para Curto Prazo de Empréstimos e Financiamentos a Longo Prazo
- Dividendos Propostos

*Total das Aplicações*

ACRÉSCIMO (DECRÉSCIMO) NO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO

Quadro 7 – Componentes da DOAR.  
Fonte: Adaptado de Matarazzo (1998).



A DOAR se assemelha muito com a Demonstração do Fluxo de Caixa pelo modelo indireto.

Além destes demonstrativos, a partir da entrada em vigor da Lei 11.638/2007, a agregação de valor que as entidades atingem deve ser expressa em um demonstrativo, conforme será apresentado a seguir.

## 2.2.6 DEMONSTRAÇÃO DO VALOR ADICIONADO – DVA

A Resolução 1.138/2008 do Conselho Federal de Contabilidade aprova a NBC T 3.7, a qual cria a DVA, estabelecendo critérios para a sua elaboração e apresentação.

A DVA tem por finalidade evidenciar a riqueza gerada pela entidade e como foi sua distribuição em um determinado período. Para a construção da DVA é utilizado grande parte dos dados contidos na Demonstração do Resultado do Exercício.

A riqueza distribuída pela entidade deve ser detalhada, contendo no mínimo os itens como: pessoal e encargos; impostos, taxas e contribuições; juros e aluguéis; Juros sobre o Capital Próprio (JCP) e dividendos; e, lucros retidos/prejuízos do exercício.

TERMOS	DEFINIÇÃO
<i>Valor adicionado</i>	representa a riqueza criada pela empresa, de forma geral medida pela diferença entre o valor das vendas e os insumos adquiridos de terceiros. Inclui também o valor adicionado recebido em transferência, ou seja, produzido por terceiros e transferido à entidade
<i>Receita de venda de mercadorias, produtos e serviços</i>	representa os valores reconhecidos na contabilidade a esse título pelo regime de competência e incluídos na demonstração do resultado do período.
<i>Outras receitas</i>	representam os valores que sejam oriundos, principalmente, de baixas por alienação de ativos não circulantes, tais como resultados na venda de imobilizado, de investimentos, e outras transações incluídas na demonstração do resultado do exercício que não configuram reconhecimento de transferência à entidade de riqueza criada por outras entidades.
<i>Insumo adquirido de terceiros</i>	representa os valores relativos às aquisições de matérias-primas, mercadorias, materiais, energia, serviços, etc. que tenham sido transformados em despesas do período. Enquanto permanecerem nos estoques, não compõem a formação da riqueza criada e distribuída.
<i>Depreciação, amortização e exaustão</i>	representam os valores reconhecidos no período e normalmente utilizados para conciliação entre o fluxo de caixa das atividades operacionais e o resultado líquido do exercício.
<i>Valor adicionado recebido em transferência</i>	representa a riqueza que não tenha sido criada pela própria entidade, e sim por terceiros, e que a ela é transferida, como por exemplo receitas financeiras, de equivalência patrimonial, dividendos, aluguel, <i>royalties</i> , etc. Precisa ficar destacado, inclusive para evitar dupla contagem em certas agregações.

Quadro 8 – Termos utilizados na Demonstração do Valor Adicionado.  
Fonte: CFC, NBC T 3.7 (2008).

## Unidade 2 - Estrutura das Demonstrações Contábeis

A DVA proporciona aos investidores e demais usuários conhecimento de natureza econômica e social. Permite conhecer a parcela de agregação de valor ao Produto Interno Bruto (PIB), bem como permite que a entidade seja avaliada pelo seu entorno em termos de agregação de valores aos insumos adquiridos de terceiros e que são comercializados ou consumidos. Um modelo de DVA é apresentado no Quadro 9.

DESCRIÇÃO	EM MILHARES DE REAIS 20X1	EM MILHARES DE REAIS 20X0
1 – RECEITAS		
1.1) Vendas de mercadorias, produtos e serviços		
1.2) Outras receitas		
1.3) Receitas relativas à construção de ativos próprios		
1.4) Provisão para créditos de liquidação duvidosa – Reversão / (Constituição)		
2 – INSUMOS ADQUIRIDOS DE TERCEIROS (inclui os valores dos impostos – ICMS, IPI, PIS e COFINS)		
2.1) Custos dos produtos, das mercadorias e dos serviços vendidos		
2.2) Materiais, energia, serviços de terceiros e outros		
2.3) Perda / Recuperação de valores ativos		
2.4) Outras (especificar)		
3 – VALOR ADICIONADO BRUTO (1-2)		
4 – DEPRECIACÃO, AMORTIZAÇÃO E EXAUSTÃO		
5 – VALOR ADICIONADO LÍQUIDO PRODUZIDO PELA ENTIDADE (3-4)		
6 – VALOR ADICIONADO RECEBIDO EM TRANSFERÊNCIA		
6.1) Resultado de equivalência patrimonial		
6.2) Receitas financeiras		
6.3) Outras		
7 – VALOR ADICIONADO TOTAL A DISTRIBUIR (5+6)		
8 – DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO (*)		
8.1) Pessoal		
8.1.1 – Remuneração direta		
8.1.2 – Benefícios		
8.1.3 – F.G.T.S		
8.2) Impostos, taxas e contribuições		
8.2.1 – Federais		
8.2.2 – Estaduais		
8.2.3 – Municipais		
8.3) Remuneração de capitais de terceiros		
8.3.1 – Juros		
8.3.2 – Aluguéis		
8.3.3 – Outras		
8.4) Remuneração de capitais próprios		
8.4.1 – Juros sobre o capital próprio		
8.4.2 – Dividendos		
8.4.3 – Lucros retidos / Prejuízo do exercício		
8.4.4 – Participação dos não-controladores nos lucros retidos (só p/ consolidação)		

Quadro 9 – Modelo I – Demonstração do Valor Adicionado – Empresas em geral.  
Fonte: CFC (2008).



Para conhecer os demais modelos de DVA e obter maiores detalhes, consultar a Resolução 1.138/08 do Conselho Federal de Contabilidade, disponível em [www.cfc.org.br](http://www.cfc.org.br).

## 2.2.7 BALANÇO SOCIAL E AMBIENTAL

A Resolução do CFC nº 1.003/2004, que aprova a NBC T 15 – Informações de Natureza Social e Ambiental, estabelece procedimentos necessários à evidenciação de informações de natureza social e ambiental. O objetivo é de demonstrar ao seu entorno (sociedade) a responsabilidade social e ambiental da entidade, com as seguintes informações:

- a geração e a distribuição de riqueza;
- os recursos humanos;
- a interação da entidade com o ambiente externo;
- a interação com o meio ambiente.



Para maiores informações sobre o a NBC T 15, acessar o sitio eletrônico do CFC: [www.cfc.org.br](http://www.cfc.org.br) e escolher a opção legislação.

O Quadro 10 apresenta os componentes para elaboração de um balanço social conforme orientações do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE).

## Unidade 2 - Estrutura das Demonstrações Contábeis

INDICADORES	DESCRIÇÃO
Base de Cálculo	Receita Líquida (RL), Resultado Operacional (RO) e Folha de Pagamento Bruta (FPB)
Indicadores Sociais Internos	Alimentação, encargos sociais compulsórios, previdência privada, saúde, segurança e medicina no trabalho, educação, cultura, capacitação e desenvolvimento profissional, creches ou auxílio-creche, participação nos lucros ou resultados, outros.
Indicadores Sociais Externos	Educação, cultura, saúde e saneamento, esporte, combate à fome e segurança alimentar, outros.
Indicadores Ambientais	Investimentos relacionados com a produção/operação da empresa Investimentos em programas e/ou projetos externos.
Indicadores de Corpo Funcional	Nº de empregados(as) ao final do período, Nº de admissões durante o período, Nº de empregados(as) terceirizados(as), Nº de estagiários(as), Nº de empregados(as) acima de 45 anos, Nº de mulheres que trabalham na empresa, % de cargos de chefia ocupados por mulheres, Nº de negros(as) que trabalham na empresa, % de cargos de chefia ocupados por negros(as), Nº de portadores(as) de deficiência ou necessidades especiais.
Informações Relevantes	Relação entre a maior e a menor remuneração na empresa e Número total de acidentes de trabalho, entre outros.

Quadro 10 – Componentes do Balanço Social.

Fonte: Adaptado do modelo Ibase ([www.balancosocial.org.br](http://www.balancosocial.org.br)).



Para detalhamento sobre modelos de balanço social, acessar a página  
<http://www.balancosocial.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>.



O Quadro 11 apresenta os indicadores do Balanço Social da empresa Gerdaul S.A.

<b>INDICADORES</b>	
Colaboradores	11.998
Admissões	1.907
Terceiros	6.180
Trainees e estagiários	801
Dependentes	22.341
Acionistas	91.759
Clientes	130.000
Fornecedores	30.000
<b>VALOR ADICIONADO (R\$ MILHÕES)</b>	
Governos: impostos e contribuições sociais federais, estaduais e municipais	979,2
Colaboradores	11.998
Salários	294,9
Benefícios	55,1
Participação nos resultados	51,8
<b>DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL</b>	
Investimento (R\$ milhões)	8,3
Total de horas de capacitação	1.162.579
Horas de capacitação por colaborador	96,9
Colaboradores em programas de escolaridade	1440
<b>PROGRAMAS PARTICIPATIVOS</b>	
Grupos	805
Participantes	2.728
Projetos implantados	1.662
Economia anualizada (R\$ milhões)	14,3
<b>SISTEMA DE SEGURANÇA TOTAL</b>	
Sugestões de melhorias	27094
Sugestões implantadas	19722
<b>FUNDAÇÃO GERDAUL</b>	
Custo (R\$ milhões)	16,3
Beneficiários	25.300
Total de atendimentos	496.301
<b>FINANCIAMENTOS</b>	
Recursos totais (R\$ milhões)	12,6
Habitação (R\$ milhões)	7,7
Bolsas de estudos (R\$ milhões)	3,2
Outros (R\$ milhões)	1,7
<b>PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR – GERDAUL PREVIDÊNCIA</b>	
Patrimônio líquido (R\$ milhões)	257,5
Total de benefícios concedidos	1236
Benefícios pagos em 2001 (R\$ milhões)	3,6
<b>FUNDAÇÃO AÇOMINAS DE SEGURIDADE SOCIAL</b>	
Patrimônio líquido (R\$ milhões)	371,1
Total de benefícios concedidos	1.259
Benefícios pagos em 2001 (R\$ milhões)	10,3

## Unidade 2 - Estrutura das Demonstrações Contábeis

<b>ALIMENTAÇÃO</b>	
Custo (R\$ milhões)	9,2
Custo médio/colaborador/mês (R\$)	64
Refeições servidas	3350126
Restaurantes internos	51
<b>TRANSPORTES</b>	
Custo (R\$ milhões)	11,6
Custo médio/colaborador/mês (R\$)	80
<b>GESTÃO AMBIENTAL</b>	
	<b>(US\$ MILHÕES)</b>
Investimento	8
Proteção do ar	3,2
Proteção das águas	2,1
Proteção acústica	0,5
Proteção do solo	0,2
Diversos	2
<b>COMUNIDADE</b>	
Projetos realizados	71
Investimento (R\$ milhões)	12,6

**Quadro 11** – Indicadores de Balanço Social da Gerdau S.A.(2009).  
Fonte: Adaptado de [www.gerdau.com.br](http://www.gerdau.com.br)

Outro demonstrativo, que amplia as informações contidas no Balanço Social é a possibilidade de realização do Balanço Ambiental, adaptado do Balanço Patrimonial, o qual permite ao usuário identificar quais tipos de transações contábeis estão sendo realizadas visando à proteção do meio ambiente, conforme Quadro 12.



<b>ATIVO</b>	<b>PASSIVO</b>
<b>CIRCULANTE</b>	<b>CIRCULANTE</b>
<b>Circulante Financeiro</b>	<b>Circulante Financeiro</b>
Caixa e Bancos	Fornecedores
Clientes	Títulos a Pagar
Estoques	<b>Circulante Ambiental</b>
<b>Circulante Ambiental</b>	Fornecedores
Estoques	Financiamentos
<b>NÃO CIRCULANTE</b>	<b>NÃO CIRCULANTE</b>
<b>Longo Prazo Financeiro</b>	<b>Longo Prazo Financeiro</b>
Títulos a Receber	Financiamento
<b>Longo Prazo Ambiental</b>	<b>Longo Prazo Ambiental</b>
Estoques	Financiamentos
<b>Investimentos Financeiros</b>	<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>
Ações de Outras Cias.	<b>Patrimônio Líquido Financeiro</b>
<b>Imobilizado Financeiro</b>	Capital Social
Máquinas e Equipamentos Veículos e	Reservas
Acessórios	Ajustes de Avaliação Patrimonial
(-) Depreciação Acumulada	Prejuízos Acumulados (se houver)
<b>Imobilizado Ambiental</b>	<b>Patrimônio Líquido Ambiental</b>
Máquinas e Equipamentos	Reservas p/ Preservação do Meio
Instalações	Ambiente
(-) Depreciação Acumulada	
<b>Intangível Ambiental</b>	

**Quadro 12** – Balanço Ambiental.  
Fonte: Adaptado de Pfitscher (2004).

## Unidade 2 - Estrutura das Demonstrações Contábeis

Outro demonstrativo, que também pode ser divulgado aos usuários e que permite verificar informações contábeis com outras informações da empresa, é o *Balanced Scorecard* (BSC).

O BSC traduz as estratégias e a missão da entidade em metas e indicadores específicos, sob quatro perspectivas distintas: financeira, dos clientes, dos processos internos, e do aprendizado e crescimento.

Para que o analista possa comparar os dados e informações contidos nos demonstrativos contábeis, torna-se necessário a criação de um padrão, principalmente para o Balanço Patrimonial e para a Demonstração do Resultado do Exercício.

### RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você conseguiu lembrar a estrutura das demonstrações contábeis que serão objeto de análise para produção de relatórios que auxiliam os usuários na tomada de decisão.

Agora, vamos nos encontrar no AVEA, para assistir a videoaula desta unidade.



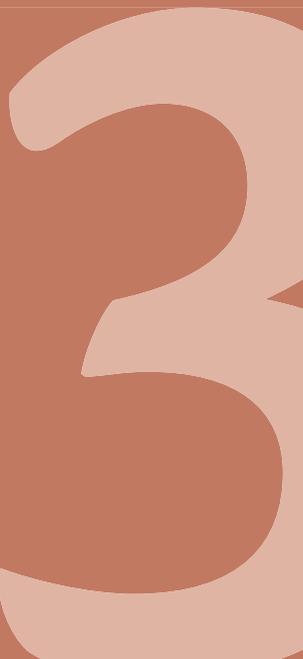




### Unidade 3

# **PADRONIZAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS**

O objetivo desta unidade é apresentar modelos de padronização do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício para facilitar o processo de análise, uma vez que, para a maioria das empresas (empresas que não são subordinadas à agências reguladoras), não existe um padrão de demonstração.



A Contabilidade, em decorrência do seu próprio método, só é capaz de registrar fatos avaliáveis monetariamente e é sabido que decisões tomadas pelos usuários da informação contábil muitas vezes são influenciadas por aspectos qualitativos que, normalmente, escapam do alcance da Contabilidade.

Além disso, não existe um plano de contas padronizado para as empresas em geral, como é o caso das entidades subordinadas à Agências Reguladoras, que permite que os demonstrativos sejam publicados dentro de um padrão. Para as empresas em geral e, principalmente, para as empresas subordinadas à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), é necessário realizar uma padronização no Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado do Exercício, facilitando o processo de análise.

O primeiro passo na Análise das Demonstrações Contábeis é a preparação dos dados, visando à adequada apresentação da situação patrimonial e financeira da empresa.

A padronização consiste numa crítica às contas das demonstrações contábeis, bem como na transcrição delas para um modelo previamente definido.

Após estar ciente das necessidades dos usuários aos quais serão dirigidos os relatórios de análise, o analista deverá examinar minuciosamente cada uma das contas que compõem as demonstrações contábeis da empresa objeto da análise.

Os motivos que levam à padronização são os seguintes (MATARAZZO, 1998):

- **Simplificação** – um balanço apresentado segundo a Lei das Sociedades Anônimas, por exemplo, compreende cerca de sessenta contas. Isso dificulta a visualização do balanço. Quando se colocam lado a lado três balanços com sessenta valores cada um e se calculam os percentuais de variação de um ano para outro, bem como a composição percentual de cada balanço (que é chamada análise vertical e horizontal), chega-se a 540 números, o que complica enormemente o trabalho de um analista.
- **Comparabilidade** – com exceção das companhias que operam em ramo no qual existe um plano de contas legal obrigatório (como acontece com bancos, seguradoras, etc.), toda empresa tem seu próprio plano de contas, com maior ou menor grau de detalhes e com títulos de contas em que é difícil descobrir a origem. Como a análise se baseia em comparação, só faz sentido analisar um balanço após o seu enquadramento num modelo que permita comparação com outros balanços.



- **Adequação aos objetivos da análise** – há pelo menos uma conta que deve sempre ser reclassificada: Duplicatas Descontadas. Do ponto de vista contábil, é uma dedução de Duplicatas a Receber; do ponto de vista de financiamentos, porém, é um recurso tomado pela empresa junto aos bancos, devido à insuficiência de recursos próprios. Em nada se distingue de empréstimos bancários, do ponto de vista financeiro. Por isso, as Duplicatas Descontadas devem figurar no Passivo Circulante.
- **Precisão nas classificações de contas** – é frequente encontrarem-se balanços e demonstrações de resultados com falhas nas classificações de contas, como, por exemplo, certos investimentos de caráter permanente que aparecem no Ativo Circulante, despesas do próprio exercício que figuram como Despesas do Exercício Seguinte, empréstimos de curto prazo que aparecem no Passivo não Circulante.

Ribeiro (1997) recomenda a verificação dos seguintes elementos das contas do balanço para análise:

- **Saldo da Conta Caixa** – geralmente o saldo desta conta é composta por vales, cheques e dinheiro. É importante conhecer a participação dos vales no montante e se serão ressarcidos imediatamente ou não. É importante conhecer as datas dos vencimentos dos cheques pré-datados; o mais correto seria reclassificar no grupo de contas a receber de clientes.
- **Conta Bancos Conta Movimento** – verificar se foram realizadas conciliações bancárias.
- **Conta Aplicações de Liquidez Imediata** – verificar se são de curtíssimo prazo e se estão contabilizadas pelo valor nominal.
- **Conta Cliente ou Duplicatas a Receber** – verificar o percentual de vendas a vista e das vendas a prazo no volume das vendas totais; o percentual de duplicatas não recebidas; os prazos de vencimentos, bem como os valores que vencem a 15, 30, 60 ou mais dias; os descontos previstos no caso de recebimento antecipados; a existência de títulos em carteira descontados, caucionados ou em cobrança bancária. As duplicatas descontadas devem ser classificadas no passivo circulante.

- **Conta Estoques** – é importante verificar: os métodos utilizados para registro dos estoques, se o inventário é periódico ou permanente, qual critério para a avaliação (PEPS, UEPS, Custo Médio); a existência de itens obsoletos; o percentual de vendas a vista e a prazo; e, os prazos de rotação dos estoques, etc. Também deve-se verificar os bens destinados à venda, à fabricação e os materiais de uso nos departamentos.
- **Conta Fornecedores ou Duplicatas a Pagar** – as mesmas observações de duplicatas a receber (volume de compras, datas de vencimentos das duplicatas, percentuais de descontos para pagamentos antecipados, etc.).
- **Conta Reservas** – é importante a verificação dos valores que se referem a exercícios anteriores e os calculados no exercício atual.

Em empresas que possuem auditorias internas ou passam por auditorias independentes para fins de publicação, as demonstrações contábeis, normalmente, apresentam os dados mais precisos, o que gera maior confiança ao analista.

As principais características da padronização são as seguintes:

- o Ativo apresenta apenas as contas essenciais;
- o Ativo Circulante é dividido em Financeiro e Operacional;
- no ativo as contas retificadoras não aparecem, pois na padronização devem aparecer com os valores líquidos (ajustados), exceto Duplicatas descontadas que vai para o passivo;
- o Passivo Circulante é dividido em Operacional e Financeiro, sendo que as Duplicatas Descontadas fazem parte deste último;
- no lado do Passivo, acha-se um subtotal representado por Capitais de Terceiros ou seja, Passivo Circulante + Passivo não Circulante;
- no Patrimônio Líquido aparecem apenas o Capital Social já deduzido de eventuais Capital a Realizar e Reservas;
- a Demonstração do Resultado evidencia apenas os valores fundamentais para análise;



- a Receita Líquida de Vendas está deduzida das Devoluções e Abatimentos e Impostos (em determinadas análises é importante considerar a receita bruta, principalmente quando se quer conhecer os impostos, devoluções e abatimentos); e
- as Receitas e Despesas Financeiras estão líquidas dos efeitos inflacionários.

Na análise, para determinados fins, deve-se considerar somente o ativo e o passivo real. Ativos fictícios devem ser expurgados do Balanço Patrimonial. Tais ativos são contas que representam, no todo ou em parte, valores incobráveis ou imprestáveis, entre outras.

A seguir é apresentado modelo de demonstrações contábeis (Balanço e Demonstração do Resultado do Exercício) padronizadas para fins de análise.

ATIVO			PASSIVO		
	R\$ em 20x7	R\$ em 20x8		R\$ 20x7	R\$ 20x8
<b>Circulante</b>			<b>Circulante</b>		
Financeiro	.....	.....	Operacional	.....	.....
Disponível	.....	.....	Fornecedores	.....	.....
Aplicações financeiras	.....	.....	Outras obrigações	.....	.....
Operacional	.....	.....	Financeiro	.....	.....
Clientes	.....	.....	Empréstimos Bancários	.....	.....
Estoques	.....	.....	Duplicatas descontadas	.....	.....
<b>Não Circulante</b>	.....	.....	<b>Não Circulante</b>	.....	.....
Realizável a longo prazo	.....	.....	Operacional	.....	.....
Investimentos (permanentes)	.....	.....	Financeiro	.....	.....
Imobilizado	.....	.....	<b>Patrimônio Líquido</b>	.....	.....
Intangíveis	.....	.....	Capital Social	.....	.....
	.....	.....	Ajustes de Avaliação Patrimonial	.....	.....
			Reservas	.....	.....

Quadro 13 – Modelo de Balanço Padronizado.

No modelo apresentado anteriormente foi colocado dois anos, mas podem ser analisados mais anos, dependendo da finalidade a que se destina a análise, conforme pode-se verificar no Quadro 14, o qual apresenta um modelo de demonstração de resultado padronizado para fins de Análise Vertical (AV) e Análise Horizontal (AH).

### Unidade 3 – Padronização das demonstrações contábeis

CONTAS	EXERCÍCIO 1			EXERCÍCIO 2			EXERCÍCIO 3		
	VA*	AV	AH	VA*	AV	AH	VA*	AV	AH
Receita Líquida de Vendas (-) Custo de mercadorias, produtos e serviços vendidos = Lucro Bruto (-) despesas operacionais Administrativas Vendas Outras despesas = Lucro Operacional antes do resultado financeiro (+) receita financeira (-) Despesa financeira = Lucro Operacional (+ -) Resultado de Operações descontinuadas = Resultado antes das provisões (-) provisões I.R. e contrib. social (-) Participações Lucro ou Prejuízo líquido									

\*VA – Valores absolutos

Quadro 14 – Demonstração do Resultado do Exercício.

As técnicas a serem utilizadas na Análise das Demonstrações Contábeis variam muito de autor para autor, as principais são as seguintes:

- análise por diferenças absolutas;
- análise através de índices ou quocientes;
- análise vertical ou de estrutura;
- análise horizontal ou por números-índices;
- análise prospectiva.



A partir da próxima unidade inicia-se a aplicação das técnicas de análise de demonstrações. Na Unidade 4 estudaremos as técnicas de análise vertical e horizontal e na Unidade 5 veremos a análise através de índices ou quocientes.



## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você aprendeu uma nova estrutura do balanço patrimonial e da demonstração de resultado que não é a mesma utilizada para fins de publicação. Tem como finalidade dar uma base objetiva de comparação entre diversas empresas. Também foi possível conhecer as técnicas utilizadas para a realização da análise.



Assista no AVEA a vídeoaula correspondente a esta unidade.



## Unidade 4

# **ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL**

O objetivo desta unidade é conhecer detalhadamente as demonstrações contábeis, sua evolução, participação, estado atual e tendências.

As Análises Vertical e Horizontal prestam-se fundamentalmente ao estudo de tendências e devem ser utilizadas conjuntamente. Servem para complementar as análises realizadas por meio de índices (quocientes).

As Análises Vertical/Horizontal são mais detalhadas do que as por índices, pois envolvem todos os itens das demonstrações contábeis e revelam as falhas responsáveis pelas situações de anomalias da empresa.

## 4.1 ANÁLISE VERTICAL

A Análise Vertical, também conhecida por Análise por Coeficientes, é aquela através da qual se compara cada um dos elementos do conjunto em relação ao total do conjunto.

Ela se baseia na determinação da porcentagem de cada conta ou do grupo de contas em relação ao seu conjunto.

O cálculo do percentual que cada elemento ocupa em relação ao conjunto é realizado por meio de regra de três, em que o valor base é igualado a 100, sendo os demais calculados em relação a ele.



Vejamos um exemplo fornecido por Ribeiro (1997):

Para calcular a porcentagem de participação que a conta Despesas Administrativas, de R\$ 280.000, ocupa na Demonstração do Resultado do Exercício que tem uma Receita Operacional Líquida de R\$ 4.200.000, faz-se:

$$4.200.000 \times 100\%$$

$$280.000 = X$$

Logo:

$$X = 280.000 \times 100 / 4.200.000 = 15\%$$



A porcentagem encontrada de 15% corresponde ao percentual de participação das Despesas Administrativas em relação ao volume da Receita Líquida das vendas.

No Balanço Patrimonial, a Análise Vertical abrange cálculos de percentuais de todas as contas, podendo relacioná-las tanto com os grupos a que pertencem como com o total do Ativo e/ou Passivo, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Exemplo da Análise Vertical do Balanço Patrimonial.

ATIVO	R\$	AV	PASSIVO	R\$	AV
<b>Circulante</b>	<b>600.000</b>	<b>22,35</b>	<b>Circulante</b>	<b>885.000</b>	<b>32,96</b>
Financeiro	96.000	3,58	Operacional	781.000	29,09
Disponibilidades	60.000	2,23	Contas a pagar a fornecedores	651.000	24,25
Investimentos a curto prazo	36.000	1,34	Outras obrigações de Curto Prazo	130.000	4,84
Operacional	504.000	18,77	Financeiro	104.000	3,87
Contas a receber de clientes	200.000	7,45	Empréstimos	4.000	0,149
Estoques	300.000	11,17	Duplicatas descontadas	100.000	3,72
Outros direitos de curto prazo	4.000	0,15	<b>Não Circulante</b>	<b>294.000</b>	<b>10,95</b>
<b>Não Circulante</b>	<b>2.085.000</b>	<b>77,65</b>	Operacional	290.000	10,80
Realizável a longo prazo	90.000	3,35	Financeiro	4.000	0,15
Investimentos	195.000	7,26	<b>Patrimônio Líquido</b>	<b>1.506.000</b>	<b>56,09</b>
Imobilizado	1.500.000	55,87	Capital Social	1.000.000	37,24
Intangível	300.000	11,17	Ajuste de Avaliação Patrimonial	363000	13,52
			Reservas	143.000	5,33
<b>Total do Ativo</b>	<b>2.685.000</b>	<b>100%</b>	<b>Total do Ativo</b>	<b>2.685.000</b>	<b>100%</b>

O principal objetivo da Análise Vertical é mostrar a importância de cada conta na demonstração contábil a que pertence. Este tipo de análise pode ser feita em qualquer demonstração financeira, mas alcança sua plenitude quando efetuada na Demonstração de Resultado do Exercício, conforme demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Demonstração de Resultado.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO DO EXERCÍCIO	20X7	AV	20X8	AV
Receita líquida de vendas	2.000.000	100%	3.100.000	100%
(-) Custo de mercadorias, produtos e serviços vendidos	-800.000	40,00	-1.100.000	35,48
= Lucro bruto	1.200.000	60,00	2.000.000	64,52
(-) Despesas operacionais				
Com vendas	-250.000	9,00	-300.000	9,68
Gerais e administrativas	-180.000	12,50	-250.000	8,06
Outras despesas	-20.000	1,00	-60.000	1,94
(+) Outras receitas operacionais	13.000	0,65	18.000	0,58
= Resultado operacional antes do resultado financeiro	763.000	38,15	1.408.000	45,42
(+) Receita financeira	20.000	1,00	35.000	1,13
(-) Despesa financeira	-120.000	6,00	-140.000	4,52
= Lucro ou resultado operacional	663.000	33,15	1.303.000	42,03
(+/-) Resultado não operacional	70.000	3,50	50.000	1,61
= Resultado antes das provisões	733.000	36,65	1.353.000	43,65
(-) Provisões I.R. e contrib. social	-109.950	5,50	-202.950	6,55
(-) Participações	-300.000	15,00	-400.000	12,90
= Lucro ou prejuízo líquido	323.050	16,15	750.050	24,20

Relatório da análise vertical pode ser realizado da seguinte forma:

- **Custo das Mercadorias Vendidas:** em x8, o percentual desta conta foi 4,52% menor que em x7. Esta redução pode ter ocorrido em função de esforços da empresa visando conseguir maiores vantagens junto aos fornecedores. Ou pode ter ocorrido mudança no processo de fabricação, maior produtividade, maior qualidade do produto, etc.
- **Lucro Bruto:** observa-se um aumento de 4,52% em x8, em relação ao de x7, decorrente da redução do Custo das Mercadorias Vendidas.
- **Despesas com Vendas:** a empresa teve aumento em 2,82% nos gastos com despesas com vendas em x8 em relação ao exercício de x7. Percebe-se que o aumento nas despesas com vendas estão relacionadas ao aumento das vendas em no de x8;
- **Despesas Gerais e Administrativas:** em x8 houve redução de 0,94 em relação a x7. Percebe-se que houve mudanças positivas na área de gestão administrativa, pois a empresa aumentou as vendas líquidas.



das, deve ter modificado as práticas gerenciais nesta área. Esta queda pode revelar a preocupação da empresa em reduzir gastos com pessoal administrativo, materiais, etc.

- **Outras Despesas Operacionais:** em x8 houve aumento de 0,94% em relação a x7. Pode também ter relação direta com o aumento das vendas.
- **Resultado Operacional antes do Resultado Financeiro:** faça a análise.
- **Receitas Financeiras:** faça a análise.
- **Despesas Financeiras:** faça a análise.
- **Resultado Operacional:** faça a análise.
- **Provisões:** faça a análise.
- **Participações:** faça a análise.
- **Lucro Líquido do Exercício:** em x8 ocorreu um aumento deste coeficiente em 8.04% em relação ao exercício de x7. Este aumento ocorreu em função da boa política de gestão adotada pela empresa que conseguiu reduzir custos e despesas, aumentando o volume das vendas, em decorrência de incentivos aos seus empregados. Os incentivos oferecidos pela empresa podem ser notados pelos aumentos ocorridos nas Despesas com as Vendas e pela Participação nos Lucros.

A análise vertical permite conhecer a relação entre as diversas contas em relação ao total da receita ou ao total do ativo. No entanto, se analisada em conjunto com a análise horizontal agrega maior valor ao relatório de análise.

## 4.2 ANÁLISE HORIZONTAL

Análise Horizontal, também conhecida como análise por meio de Números-índices, tem por finalidade evidenciar a evolução dos itens das demonstrações contábeis ao longo dos anos.

A Análise Horizontal é a comparação realizada entre componentes do conjunto em vários exercícios, por meio de Números-índices, a qual permite a avaliação ou o desempenho de cada conta ou grupo de contas ao longo dos períodos analisados, ressaltando as tendências evidenciadas em cada uma delas, sejam de evolução ou de retração.

**Número-índice** é uma operação estatística, utilizada pela Análise de Balanços, que consiste em substituir os valores constantes das contas de cada exercício por um número percentual que facilita a comparação entre eles.

O mecanismo consiste em escolher um exercício, geralmente o mais antigo como base, atribuindo aos seus valores o percentual 100 e, a partir desse exercício, calcular os demais valores dos outros exercícios por meio de regra de três, sempre em relação ao primeiro.



Vamos exemplificar:

A DRE da empresa apresenta os seguintes valores da Receita Operacional Líquida:

20x6 2.200.000,00

20x7 3.500.000,00

20x8 6.500.000,00

Escolhendo o exercício 20x6 como base faz-se o seguinte cálculo para o exercício de 20x7:

$$\text{R\$ } 2.200.000 = 100\%$$

$$\text{R\$ } 3.500.000 = X$$

Logo:

$$X = 3.500.000 \times 100 / 2.200.000 = 159,09 \text{ (número-índice)}$$

Para o exercício de 20x8 faz-se

$$2.500.000 = 100\%$$

$$6.500.000 = X$$



Logo:

$$X = 6.500.000 \times 100 / 2.500.000 = 295,45 \text{ (número-índice)}$$

Na análise da demonstração do resultado do exercício, no Quadro 15 apresenta-se os números-índices.

CONTAS	20X6	AH	20X7	AH	20X8	AH
Receita Operacional Líquida	2.200.000	100	3.500.000	159,09	6.500.000	295,45

Quadro 15 – Números-índices para análise horizontal.

Com os cálculos do Quadro 15 prontos, faz-se a análise da evolução ou a retração de cada conta em relação ao exercício escolhido como base. Nesse exemplo, o ano de 20x6, porém, poderia ter mais exercícios sociais sendo analisados. Importante destacar que se for trabalhar com % a evolução de 20x6 para 20x7 foi de 59,09% e de 20x6 para 20x8 foi de 195,45%.

No exemplo a seguir será elaborado uma Demonstração de Resultado de três períodos com os Números-índices calculados. **É importante que os valores sejam corrigidos pela inflação do ano ou convertidos para uma moeda forte, moeda de economia que não há inflação.**

Tabela 3 – Análise Horizontal da Demonstração do Resultado de três exercícios.

CONTAS	20X6	AH	20X7	AH	20X8	AH
Receita Líquido de Vendas	2.010.000,00	100	2.560.000,00	127,36	2.730.000,00	135,82
(-) Custo de mercadorias, produtos e serviços vendidos	-650.000,00	100	-800.000,00	123,08	-840.000,00	129,23
Lucro Bruto	1.360.000,00	100	1.760.000,00	129,41	1.890.000,00	138,97
(-) despesas operacionais	- 1.021.225,00	100	- 808.625,00	79,18	- 882.334,00	86,40
Com vendas	- 250.000,00	100	- 300.000,00	120,00	- 350.000,00	140,00
Gerais e Administrativas	-244.450,00	100	-166.700,00	68,19	-185.300,00	75,80
Outras despesas	-257.310,00	100	-286.550,00	111,36	-315.030,00	122,43
(+) Outras receitas operacionais	-9.000,00	100	-12.000,00	133,33	-17.500,00	194,44
Resultado Operacional antes do resultado financeiro	338.775,00	100	951.375,00	280,83	1.007.666,00	297,44
(+) Receita financeira	228.550,00	100	363.475,00	159,04	377.704,00	165,26
(-) Despesa financeira	- 360.000,00	100	- 382.000,00	106,11	- 860.900,00	239,14
Lucro ou Resultado Operacional	207.325,00	100	932.850,00	449,95	524.470,00	252,97
(+ -) Resultado de Operações Descontinuadas	256.000,00	100	388.175,00	151,63	342.604,00	133,83
Resultado antes das provisões	463.325,00	100	1.321.025,00	298,31	867.074,00	187,14
(-) Provisões I.R. e contrib. social	- 78.682,50	100	- 175.447,50	222,98	- 128.911,20	163,84
(-) Participações	- 36.000,00	100	- 84.300,00	234,17	- 89.600,00	248,89
Lucro ou Prejuízo líquido	348.642,50	100	1.061.277,50	304,40	648.562,80	186,03

Importante observar que na Tabela 3 trabalha-se com números-índices, o que facilita a análise da evolução ou involução das contas nos três períodos.

A análise pode ser realizada da seguinte forma:

- a Receita Líquida de Vendas em 20x7 apresenta um número-índice de 127,36, significando que cresceu 27,36% em relação ao exercício 20x6. Já em 20x8 a referida receita apresenta um número-índice de 135,82, que representa crescimento de 35,82% em relação ao exercício de 20x6.



- o Lucro Líquido apresenta um número-índice de 304,40, significando que de 20x6 para 20x8 cresceu 204,40%. Em 20x8 apresenta número-índice de 186,03, significando que cresceu 86,03% em relação ao ano de 20x6.

Veja que analisando os três exercícios houve um crescimento em relação ao ano de 20x6. Percebe-se que em 20x7 o lucro líquido foi maior e em 20x8 foi menor comparando-se os três anos. Este tipo de análise horizontal é denominada de encadeada, a qual é realizada através do cálculo das variações em relação a um ano-base (20x6).

Também é possível realizar a Análise Horizontal anualmente. Na Tabela 4 apresenta-se um exemplo em que são realizadas a análise horizontal encadeada e a anual, utilizando-se três exercícios sociais.

Tabela 4 – Análise Horizontal encadeada e anual dos estoques.

ANÁLISE HORIZONTAL ENCADEADA			
20x6 ano base	20x7 em relação a 20x6	20x8 em relação a 20x6	20x9 em relação a 20x6
100.000 = 100	50.000 = 50	60.000 = 60	110.000 = 110

ANÁLISE HORIZONTAL ANUAL		
20x7 para 20x6	20x8 para 20x7	20x9 para 20x8
-50%	+20%	+ 83.33%

Pela Análise Horizontal Encadeada, utilizando-se como ano base 20x6, a empresa teve redução nos estoques de: 50% em 20x7 e 40% em 20x8. Em 20x9 os estoques aumentaram em 10% em relação ao ano de 20x6.

Utilizando-se da análise horizontal anual tem-se o seguinte diagnóstico: a empresa teve redução de 50% nos estoques no primeiro ano (20x6 para 20x7); apresentou aumento de 20% no segundo ano (20x7 para 20x8); e, no terceiro ano (20x8 para 20x9), apresentou aumento de 83%. Este tipo de análise mostra que a empresa compensou a redução dos estoques ocorrida em 20x7 com o aumento de 20% em 20x8 e com o aumento de 83.33% em 20x9. Mas, ao comparar 20x9 com 20x6, conclui-se que cresceu apenas 10%.

As análises verticais e horizontais realizadas em conjunto auxiliam na interpretação dos índices ou quocientes.

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você conseguiu conhecer as demonstrações de forma detalhada, correlacionando contas com grupos de contas e sua evolução. Pode perceber as influências que uma mudança de estratégia da empresa teve reflexos na demonstração de resultado e, conseqüentemente, no balanço patrimonial.

Agora assista a videoaula desta unidade e, se necessário, volte a estudá-la para fixar seu conteúdo.







## Unidade 5

# **ANÁLISES ATRAVÉS DE ÍNDICES OU QUOCIENTES**

O objetivo desta unidade é conhecer as técnicas que auxiliam na interpretação dos indicadores encontrados no processo de análise e a construção de índices-padrão para poder comparar os índices da empresa analisada com as demais de uma mesma região e mesmo ramo de atividade.

## 5.1 TÉCNICA DE ANÁLISE

A análise por meio de índices é o estudo comparativo entre grupos de elementos das demonstrações contábeis objetivando o conhecimento da relação entre cada um dos grupos. A Análise dos índices de balanço fornece avaliações genéricas sobre diferentes aspectos da empresa em análise, sem descer a um nível maior de profundidade. Essa profundidade é alcançável através das outras técnicas (análise vertical/horizontal, entre outras).

A **situação financeira** é evidenciada pelos índices de **Estrutura de Capitais e de Liquidez** e a **situação econômica** é evidenciada por meio dos **índices de Rentabilidade**. Ribeiro (1997) recomenda analisar a situação financeira separado da situação econômica, para que em um segundo estágio os resultados alcançados pela análise possam ser conjugados e ter um quadro geral da situação patrimonial da empresa.

**Índice** é a relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações contábeis, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa. A interpretação dos índices pode ser isolada, em conjunto ou comparando com índices-padrão.

É possível avaliar os índices por três formas:

- a. Avaliação intrínseca de um índice** é limitada e somente deve ser usada quando o analista não dispõe de índices-padrão proporcionados pela análise de um conjunto de empresas. É guiada pela intuição do analista em função de sua experiência ou pela opinião da comunidade científica, ou pela expectativa desejada pelos empresários.
- b. Comparação dos Índices no Tempo**, comparar os índices da empresa com os índices dos anos anteriores ajuda a evidenciar tendências seguidas pela empresa.
- c. Comparação com Padrões**, para a avaliação de um índice e conceituá-lo como ótimo, bom, satisfatório, razoável ou deficiente, somente é possível pela comparação com padrões. Ex.: jogador de futebol da seleção brasileira com um jogador de futebol da seleção dos Estados Unidos. O joga-



dor da seleção dos EUA pode não ser bom para jogar na seleção brasileira, mas ser excelente para jogar na seleção dos EUA. Não se pode conceber análise sem a comparação dos índices-padrão.

**Processo de Avaliação de Índices Financeiros:** depois de calculados os índices e comparados com padrões pode-se avaliar individualmente cada índice, depois avaliar os índices em conjunto e, então, avaliar a empresa e a administração. A técnica científica de avaliação, segundo Ribeiro (1997) e Matarazzo (1998) tem a seguinte ordem:

- a. Descoberta de indicadores: ex.: índices financeiros de liquidez, de participação de capitais de terceiros, etc.
- b. Definição do comportamento do indicador: existem três possibilidades; quanto maior, melhor; quanto menor, melhor; e ponto ótimo em torno de um parâmetro.
- c. Tabulação de Padrões: é a construção de tabelas baseadas em elementos do mesmo conjunto (ex.: índices de empresas do mesmo ramo) que permite a comparação dos índices de uma empresa com outras empresas.
- d. Escolha dos melhores indicadores e atribuição dos respectivos pesos: escolha através de pesquisa ao longo dos anos.

## 5.2 ÍNDICES-PADRÃO

São números que representam uma relação ideal entre valores; são os índices alcançados com maior frequência por empresas que exercem o mesmo ramo de atividade e atuam em uma mesma região. A Análise das Demonstrações Contábeis tem consistência quando os índices são comparados com padrões.

As técnicas estatísticas ajudam na comparação do desempenho de uma empresa. Tais técnicas são as seguintes (RIBEIRO, 1997; MATA-RAZZO, 1998):

- a. **Média:** numa distribuição, valor que se determina segundo uma regra estabelecida a *priori* e que se utiliza para representar todos os valores da distribuição. Usada para indicar algo que é característico do **universo**. Ex.: média das notas dos alunos da disciplina de Análise das Demonstrações Contábeis  $(3 + 5 + 8 + 10) / 4 = 6,5$ .
- b. **Moda:** em um conjunto de observações ou distribuição de frequência, o valor de ocorrência mais frequente. Ex.: em uma prova as notas foram 3, 3,4,4,5,5,5,5,5,6,6,7,7,8,8,9,10 a moda será 5, por ser a nota que ocorreu com mais frequência.
- c. **Mediana:** em um conjunto (ou distribuição de frequência) disposto em ordem de grandeza, valor acima e abaixo do qual há um mesmo número de casos. Ex.: as notas da 1ª prova 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10 a mediana será 7.

**Universo:** expressão usada em estatística para designar um grupo ou conjunto, perfeitamente definido, de objetos, elementos ou indivíduos. Amostra é uma parte do universo.

Além dessas três medidas para encontrar o índice-padrão, é necessário calcular os **decis**, porque a média, a moda e a mediana possibilitam trabalhar com apenas uma medida e adotando os decis, usa-se nove medidas, o que possibilita comparar melhor o desempenho de uma empresa em relação a suas concorrentes.

Um decil significa a separatriz correspondente ao valor do argumento que divide a distribuição numa razão decimal.

No cálculo dos decis para obter os índices-padrão, por exemplo, de 40 empresas do mesmo ramo em uma mesma região, são efetuados os seguintes procedimentos para encontrar o índice de liquidez corrente:

- 1º – selecionam-se as empresas do mesmo ramo de atividade;
- 2º – de cada empresa toma-se determinado índice financeiro ex.: liquidez corrente;
- 3º – os índices obtidos são colocados em ordem crescente de grandeza;
- 4º – os índices-padrão são dados pelos decis;



Exemplificando:

- a. Considere que já foram encontrados os índices (1ª fase) e estão colocados em ordem crescente de grandeza (2ª fase) seguintes:

ÍNDICES DE LIQUIDEZ CORRENTE DE 40 EMPRESAS			
0,76	0,79	0,82	0,91
0,97	1,02	1,05	1,11
1,16	1,18	1,20	1,24
1,29	1,33	1,35	1,38
1,39	1,41	1,45	1,49
1,50	1,54	1,55	1,60
1,63	1,67	1,70	1,71
1,72	1,76	1,79	1,80
1,82	1,84	1,87	1,92
1,94	1,98	2,00	2,04

Quadro 16 – Índices de liquidez corrente.

calcula-se o índice-padrão para cada decil. Como no exemplo de 40 empresas o 1º decil deixa 4 elementos abaixo de si ( $4 = 10\% \times 40$ ) e 36 elementos acima. Então, encontra-se a média entre o quarto índice do primeiro decil e o primeiro índice do segundo decil, conforme Quadro 17.

DECIL		EQUAÇÃO
1º	0,94	$=(0,91+0,97)/2$
2º	1,135	$=(1,11+1,16)/2$
3º	1,265	$=(1,24+1,29)/2$
4º	1,385	$=(1,38+1,39)/2$
5º	<b>1,495</b>	<b><math>=(1,49+1,50)/2</math></b>
6º	1,615	$=(1,60+1,63)/2$
7º	1,715	$=(1,71+1,72)/2$
8º	1,81	$=(1,80+1,82)/2$
9º	1,93	$=(1,92+1,94)/2$

Quadro 17 – Cálculo dos decis.

A mediana está representada pelo quinto decil (1,49). A empresa de um mesmo ramo de atividade que obtiver o índice de liquidez corrente igual a 1,49 estará operando na média do padrão de suas concorrentes.

Importante observar que para fins de Análise das Demonstrações Contábeis somente podemos comparar empresas do mesmo ramo de atividade e, de preferência, da mesma região.

No entanto, dependendo para que fins se destina a análise, pode-se analisar de regiões diferentes e até entre países.

O analista ao trabalhar com os decis estará classificando-as em nove classes. Mesmo, havendo um índice-padrão médio (mediana), em cada caso o analista poderá trabalhar classificando-o no decil correspondente. As empresas poderão operar abaixo ou acima do índice-padrão médio e apresentar boa situação econômico-financeira. No exemplo de liquidez corrente, quanto mais alto for o decil em que o índice de Liquidez Corrente da empresa se encontrar, melhor será a situação de Liquidez Corrente da empresa e quanto mais baixo for o decil, pior será a situação de liquidez da empresa. Mas é necessária compreensão de que a análise está sendo de forma isolada, apenas um indicador.

O ideal é que o índice da empresa analisada esteja próximo do índice-padrão médio, pois caso contrário poderá revelar que a empresa em algum ponto está indo mal. Por exemplo, se uma empresa opera com o índice de Margem Líquida de 0,25, significa que ela trabalha com lucro líquido igual a 25% em relação suas vendas líquidas. É uma margem positiva, mas ao compará-la com índices-padrão, poderá ser verificado que a empresa está trabalhando com uma margem superior a de seus concorrentes, o que pode provocar perda de mercado. Portanto, é necessário trabalhar com todos os indicadores e informações disponíveis para poder formar uma opinião.

Também é possível, ao invés de decis, utilizar os **quartis** em que 100% é dividido por 4. A cada quartil tem-se 25% ao invés do decil que é 10%.



## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade foi possível conhecer as formas de interpretação dos coeficientes, quocientes, números-índices e como compará-los com empresas concorrentes, bem como com clientes e outras instituições.



Agora vamos ao AVEA para a videoaula.



## Unidade 6

# **ANÁLISE FINANCEIRA E ECONÔMICA**

Nesta unidade são apresentados os principais índices de liquidez, estrutura de capital e de rentabilidade (econômico) que possibilitam, de forma rápida, conhecer a situação financeira e de rentabilidade da empresa.

---

## 6.1 ESTRUTURA DE CAPITAIS

Os índices ou quocientes de Estrutura de Capitais evidenciam as grandes linhas de decisões financeiras, em termos de aplicação e obtenção de recursos. Servem para evidenciar o grau de endividamento da empresa em decorrência das origens dos capitais investidos no patrimônio, mostrando a proporção existente entre os Capitais Próprios e de Terceiros. No balanço patrimonial o passivo evidencia a origem dos capitais e o ativo apresenta onde os capitais foram aplicados.

Quando o capital próprio financia os investimentos da empresa pode-se afirmar que a situação financeira da empresa é ótima, se analisado isoladamente. Já o capital de terceiros evidencia o endividamento.

### 6.1.1 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS

A interpretação deste índice é direcionada para medir o grau de endividamento da empresa. Revela a proporção existente entre capitais de terceiros e capitais próprios, ou seja, quanto a empresa utiliza de capitais de terceiros para cada real de capital próprio. Interpretação: **quanto menor, melhor**.

Fórmula: **Exigível Total/Patrimônio Líquido x 100**

O Exigível Total é formado pelo Passivo Circulante e Não Circulante.

Quanto menor a participação de Capitais de Terceiros menor será o grau de endividamento, aumentando a liberdade financeira para tomar decisões.

Na definição da capacidade de endividamento existem as seguintes variáveis segundo Matarazzo (1998):

- a) **Geração de recursos.** Empresa capaz de gerar recursos para amortizar as dívidas tem mais capacidade de endividar-se. Este é o primeiro fator. Há casos em que a empresa mais endividada apresenta um índice de capacidade de amortização de dívidas melhor que outra que possui menor grau de endividamento.



- b) Liquidez.** Se uma empresa toma recursos, investe-os em seu giro comercial e dispõe de um bom capital próprio, investido no Ativo Circulante, então o efeito negativo sobre a liquidez tende a ser muito menor que no caso da empresa que imobiliza todos os recursos próprios e mais parte dos Capitais de Terceiros. Neste caso a liquidez tende a ser afetada e, conseqüentemente, aumenta o risco de insolvência.
- c) Renovação.** Se a empresa conseguir renovar as dívidas vencidas, não terá problemas de insolvência. Dizem que “dívida não se paga, administra-se”. Quando a empresa recorre a Capitais de Terceiros, faz isso por insuficiência de Capitais Próprios e, assim, os terceiros passam a financiar parte do Ativo. Ora, para pagar totalmente esses terceiros é necessário reduzir o Ativo e, normalmente, as empresas não querem fazer isso. Uma das alternativas é manter o nível de Capital de Terceiros, por meio de renovação de empréstimos ou tomando novos para pagar antigos. Ocorre que nem sempre as empresas conseguem lograr êxito em renovar empréstimos ou tomar novos para pagar os antigos, sobrevivendo a liquidez. Do sucesso em renovar empréstimos ou tomar novos pode depender a continuidade da empresa.



A Renovação está diretamente relacionada com a situação econômica-financeira do país e do mundo. Caso específico é a crise que o mundo viveu em 2008 e em 2009 com problemas financeiros no sistema imobiliário nos EUA.

## 6.1.2 COMPOSIÇÃO DO ENDIVIDAMENTO

A Fórmula para encontrar a composição do endividamento é:

**Passivo Circulante / Capitais de Terceiros ou Exigível Total x 100**

Exigível total é a soma do passivo circulante com o passivo não circulante.

Este índice indica qual o percentual de obrigações de curto prazo em relação às obrigações totais, ou seja, quanto a empresa terá de pagar a curto prazo para cada real do total das obrigações existentes. **Quanto menor, melhor.**

### 6.1.3 IMOBILIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO (PL)

Este índice revela qual a parcela do Patrimônio Líquido (PL) foi utilizada para financiar a compra do Ativo que contempla os investimentos permanentes, imobilizado e intangíveis. Indica quanto a empresa aplicou nesses Ativos para cada \$ 100,00 de Patrimônio Líquido. **Quanto menor, melhor.**

Fórmula:  **$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$**

A interpretação do índice de imobilização do PL deve ser direcionada para verificar se existe Capital Circulante Próprio (CCP), o qual pode ser encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{CCP} = \text{PL} - \text{AP}$$

onde:

**CCP** = Capital Circulante Próprio

**PL** = Patrimônio Líquido

**AP** = Ativo Permanente

O CCP é a parcela do Patrimônio Líquido investida no Ativo Circulante (AC). Se o PL foi utilizado para financiar o AP, o AC foi financiado pelo Capitais de Terceiros (CT).

A interpretação do índice de Imobilização do PL deve ser direcionada a verificar a existência ou não de CCP.

Apesar de a Lei 11.941/2009 ter extinguido o grupo de contas Ativo Permanente, entende-se para fins de análise, que os ativos: Investimentos Permanentes, Imobilizado e Intangíveis fazem parte do Permanente.

### 6.1.4 IMOBILIZAÇÃO DOS RECURSOS NÃO CORRENTES

É representado pela seguinte fórmula:

**$\frac{\text{Ativo Permanente}}{(\text{Patrimônio Líquido} + \text{Passivo Não Circulante})} \times 100$**

Este índice (quociente) indica qual o percentual de Recursos Não Correntes a empresa aplicou no Ativo Permanente. Quanto a empresa investiu no AP para cada real do PL mais Passivo Não Circulante. **Quanto menor, melhor.**

A parcela de Recursos Não Correntes destinada ao Ativo Circulante é denominada Capital Circulante Líquido (CCL).



O CCL é obtido pela fórmula:

$CCL = AC - PC$  (Ativo Circulante – Passivo Circulante). O CCL representa a folga financeira no curto prazo. O CCL pode ser formado por Capital Próprio e de Terceiros a Longo Prazo.

Quando o Capital Próprio é negativo, a interpretação deve ser direcionada para verificar se o CCP foi compensado com capitais de terceiros de longo prazo.

Quando o CCP é suficiente para financiar o Ativo imobilizado, investimentos e intangíveis considerados permanentes, a empresa tem liberdade para tomar decisões.

## 6.2 LIQUIDEZ

Segundo Sá (1995), liquidez é o estado de composição patrimonial relativo a dinheiro; capacidade de solvência ou de pagamento de dívidas; valor circulante capaz de ressarcir as dívidas; valor líquido disponível para investimentos; valor transformável em dinheiro.

Os índices de liquidez evidenciam a base da situação financeira da empresa, ou seja, evidenciam o grau de solvência da empresa em decorrência ou não de solidez financeira que garanta o pagamento dos compromissos assumidos com terceiros.

### 6.2.1 LIQUIDEZ IMEDIATA

O quociente de Liquidez Imediata evidencia a capacidade de liquidez imediata da empresa para saldar seus compromissos de curto prazo, ou seja, quanto a empresa possui de dinheiro em Caixa, Bancos e em Aplicações de Liquidez Imediata para cada Real do Passivo Circulante.

Fórmula: **Disponibilidades / Passivo Circulante**

A interpretação deste índice é destinada a verificar a existência de dinheiro para saldar as obrigações vencíveis a curto prazo.

## 6.2.2 LIQUIDEZ GERAL (LG)

A Liquidez Geral é encontrada pela fórmula:

**LG = (Ativo Circulante + Realizável a Longo Prazo) / (Passivo Circulante + Passivo Não Circulante).**

**Quanto maior o quociente, melhor.**

Com a análise da liquidez geral é possível verificar se os recursos financeiros aplicados no ativo circulante e no não circulante realizável no longo prazo são suficientes para cobrir as obrigações com terceiros, ou seja, quanto a empresa tem de Ativo Circulante + não Circulante Realizável no Longo Prazo para cada Real de obrigação total.

## 6.2.3 LIQUIDEZ CORRENTE (LC)

A Liquidez Corrente é encontrada pela seguinte fórmula:

**LC = Ativo Circulante / Passivo Circulante**

Indica quanto a empresa possui de recursos no Ativo Circulante para cada \$ 1,00 de Passivo Circulante. **Quanto maior, melhor.**

É o quociente que melhor espelha o grau de liquidez da empresa. A interpretação desse quociente deve ser direcionada para verificar a existência ou não do Capital Circulante Líquido (CCL).

## 6.2.4 LIQUIDEZ SECA (LS)

A Liquidez Seca é encontrada pela fórmula:

**LS = (Ativo Circulante – Estoques) / Passivo Circulante**

**Quanto maior, melhor.**

Outra maneira de encontrar a LS é adotando a seguinte Fórmula:

**LS (Disponível + Aplicações Financeiras + Clientes de rápida conversibilidade em dinheiro) / passivo circulante**



O quociente desta fórmula indica quanto a empresa possui de Ativo Circulante Líquido para cada \$ 1,00 de obrigações a curto prazo.

O Ativo Circulante Líquido também pode ser encontrado das seguintes formas:

- subtrai-se do Ativo Circulante os valores que não representam conversibilidade garantida, como os estoques, os Impostos a Recuperar e as Despesas Antecipadas; ou
- soma-se às disponibilidades os valores dos Investimentos Temporários a Curto Prazo e as Contas a Receber de Clientes.

## 6.3 RENTABILIDADE

Os índices de rentabilidade servem para medir a capacidade econômica da empresa, ou seja, evidenciam o grau de êxito econômico obtido pelo capital que a empresa investiu. Mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos. São calculados com bases em valores extraídos da Demonstração do Resultado do Exercício e do Balanço Patrimonial.

### 6.3.1 GIRO DO ATIVO

O Giro do Ativo é encontrado pela seguinte fórmula:

$$GA = \text{Vendas Líquidas} / \text{Ativo Total}$$

Este índice evidencia a proporção existente entre o volume das vendas e os investimentos totais efetuados na empresa, ou seja, indica quanto a empresa vendeu para cada real de investimento total.

**Quanto maior o índice, melhor.**

### 6.3.2 MARGEM LÍQUIDA (ML)

A Margem Líquida é encontrada pela fórmula:

$$ML = (\text{Lucro Líquido} / \text{Vendas Líquidas}) \times 100$$

Através deste índice é possível conhecer a margem de lucratividade de uma empresa em função de seu faturamento, isto é, quanto a empresa obtém de lucro para cada \$ 100 vendidos. **Quanto maior o quociente, melhor.**

### 6.3.3 RENTABILIDADE DO ATIVO (RA)

A Rentabilidade do Ativo é encontrada pela fórmula:

$$RA = (\text{Lucro} / \text{Ativo}) \times 100$$

Este índice evidencia o potencial de geração de lucros por parte da empresa, ou seja, quanto a empresa obtém de lucro para cada \$100 de investimento total. **Quanto maior, melhor.**

### 6.3.4 RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO (RPL)

A Rentabilidade do Patrimônio Líquido é encontrada pela fórmula:

$$RPL = (\text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido Médio}) \times 100$$

O Patrimônio Líquido Médio é encontrado pelo  $\text{Patrimônio Líquido Inicial} + \text{Patrimônio Líquido Final} / 2$ .

Este índice revela qual foi a taxa de rentabilidade obtida pelo Capital Próprio investido na empresa, isto é, quanto a empresa obteve de lucro para cada \$ 100 de Capital Próprio investido. **Quanto maior este índice, melhor.**



Os índices ou quocientes de Estrutura de Capitais, de Liquidez e de Rentabilidade são suficientes para o analista obter um bom diagnóstico da situação Financeira e Econômica de qualquer entidade. Mas os analistas podem extrair outros índices das demonstrações contábeis para atender os diversos objetivos de análises.

Na unidade 7 vamos estudar os índices complementares.

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade agregou-se valor ao conhecimento dos principais indicadores que dão a base da Análise das Demonstrações Contábeis, o chamado tripé: Liquidez, estrutura e rentabilidade.



Lembre-se de ir para o AVEA e assistir à videoaula desta unidade.



## Unidade 7

# ÍNDICES COMPLEMENTARES

Objetivo desta unidade é apresentar os índices complementares que auxiliam na análise do capital de giro, permitindo conhecer o ciclo operacional-financeiro, a necessidade de capital de giro, e demais quocientes.

Para auxiliar na produção do relatório de análise, os índices ou quocientes complementares têm contribuição relevante para o analista de demonstrações contábeis.

## 7.1 ÍNDICES OU QUOCIENTES DE ROTAÇÃO OU DE ATIVIDADES

São obtidos pelo confronto dos elementos do Balanço Patrimonial com os elementos da Demonstração do Resultado do Exercício para evidenciar o tempo necessário para que os elementos do Ativo se renovem.

### 7.1.1 ROTAÇÃO DOS ESTOQUES (RE)

A Rotação dos Estoques é encontrada pelas seguintes fórmulas:

- **RE = Custo das Mercadorias Vendidas (empresas comerciais) / Estoque Médio de Mercadorias**
- **RE = Custo dos Produtos Vendidos (indústrias) / Estoque médio de Produtos Acabados**

Este índice ou quociente revela quantas vezes ocorreu renovação dos estoques de mercadorias ou de produtos, em função das vendas.

O valor dos estoques médios de produtos acabados ou mercadorias é obtido pelo Somatório dos saldos mensais divididos pelo número de saldos apurado. Também é utilizada a seguinte fórmula:

$$\text{Prazo Médio de Renovação de Estoques (PMRE)} = 360 \times \text{estoques} / \text{CMV}$$

Essa fórmula é utilizada para o cálculo do Ciclo Operacional.

### 7.1.2 PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTO DE CONTAS A RECEBER

O Prazo Médio de Recebimento de Contas a Receber (clientes) é encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{contas a receber médias} / \text{vendas a prazo médias}$$



Este quociente ou índice evidencia o tempo que a empresa deverá esperar, em média, para receber o valor das suas vendas realizadas a prazo.

O **valor médio das Contas a Receber** é encontrado pelo somatório dos saldos mensais de contas a receber divididos pelo número de saldos apurado.

Já as **vendas a prazo médias** devem ser obtidas do total das vendas a prazo por 360 ou por 12, de acordo com que o analista queira obter o resultado, seja em dias ou em meses.

O Prazo Médio de Recebimento de Vendas (PMRV) é o tempo entre a venda e o recebimento e pode também ser encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{PMRV} = 360 \times (\text{Duplicatas a receber} / \text{Vendas a prazo do ano})$$

Essa fórmula é utilizada também para encontrar o Ciclo Operacional.

### 7.1.3 PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTOS DE CONTAS A PAGAR

A fórmula para encontrar o Prazo Médio de Pagamentos de Fornecedores é a seguinte: **Contas a Pagar Médias / Compras Médias a prazo**.

Este índice ou quociente indica o tempo médio que a empresa dispõe para pagar as suas obrigações provenientes de compras de mercadorias a prazo.

O valor **médio das Contas a pagar** (representado pelas contas dos fornecedores e duplicatas a pagar) é encontrado pelo somatório dos saldos mensais de contas a receber divididos pelo número de saldos apurado.

Já as **compras a prazo médias** devem ser obtidas do total das compras a prazo por 360 ou por 12, de acordo como o analista queira obter o resultado, seja em dias ou em meses. Como exemplo segue a fórmula dos prazos médios de pagamento de compras a prazo por 360 dias.

Fórmula: **Prazo Médio de Pagamento de Compras (PMPC) = 360 x (Fornecedores/Compras)**

Essa última fórmula é utilizada para cálculo do Ciclo de Caixa.

### 7.1.4 POSICIONAMENTO RELATIVO DE RECEBIMENTOS E PAGAMENTOS

O Posicionamento Relativo de Recebimentos e Pagamentos é encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{Prazo Médio de Recebimento} / \text{Prazo Médio de Pagamento}$$

Evidencia a relação entre o prazo que a empresa tem para pagar as suas compras a prazo e o prazo que ela concede aos seus clientes para receber as vendas a prazo. Quando inferior a R\$ 1,00 não compromete o fluxo de caixa da empresa.

### 7.1.5 ROTAÇÃO DO ATIVO

A Rotação do Ativo é encontrada pela fórmula:

$$\text{Vendas} / \text{Ativo Médio}$$

Indica quantas vezes o Ativo girou, ou seja, quantas vezes ele se renovou pelas vendas.

Este índice ou quociente pode se relacionar com o Ativo Circulante e Ativo Não Circulante Permanente pelas seguintes fórmulas:

- $\text{Vendas} / \text{Ativo Circulante}$
- $\text{Vendas} / \text{Ativo Não Circulante Permanente}$

Para o cálculo do Ativo Médio pode-se somar o Ativo Inicial e o Final e dividir por dois ou utilizar o mesmo critério usado para o cálculo das contas a Receber médias ou das vendas a prazo médias.

Utilizando os prazos médios é possível encontrar o ciclo operacional e o ciclo financeiro das empresas, por meio da coleta de dados das demonstrações contábeis.



## 7.1.6 CICLO OPERACIONAL E CICLO FINANCEIRO

Somando-se o Prazo Médio de Renovação de Estoque (PMRE) + Prazo Médio de Recebimento de Vendas (PMRV), tem-se o chamado Ciclo Operacional, o qual representa numericamente o tempo médio entre a compra da matéria-prima, fabricação e o recebimento da venda do produto.

O Ciclo Operacional evidencia o prazo de investimento em comprar, fabricar, vender e receber. Paralelamente ao Ciclo Operacional, ocorre o financiamento concedido pelos fornecedores, a partir da compra. Até o momento do pagamento aos fornecedores, a empresa não precisa se preocupar com o financiamento, o qual em tese é automático. Mais a frente será explicado o porquê em tese.

Se o PMPC for superior ao PMRE, os fornecedores financiam também uma parte das vendas a prazo da empresa. Já o tempo em que a empresa paga o fornecedor até o momento em que a empresa recebe as vendas dos clientes, é o período em que a empresa precisa obter financiamento, o qual é conhecido como Ciclo Financeiro ou Ciclo de Caixa.

O Ciclo Financeiro (CF) ou de Caixa é encontrado pela fórmula:

$$(CF) = PMRE + PMRV - PMPC$$

No Quadro 18 encontram-se os dados necessários para calcular os prazos médios, ciclo operacional e financeiro.

CONTAS	20X7	20X8	20X9
Duplicatas a receber	1.250.000	1.450.000	1.800.000
Vendas a prazo	5.500.000	6.400.000	8.100.000
Estoques	840.000	1.080.000	1.400.000
CMV	3.400.000	4.200.000	5.300.000
Duplicatas a pagar (fornecedores)	950.000	1.800.000	2.500.000
Compras	4.100.000	4.400.000	4.900.000

Quadro 18 – Dados para encontrar o Ciclo Operacional e Ciclo Financeiro.

Primeiramente, encontrar os prazos médios, conforme segue:

- a) Prazo Médio de Renovação de Estoques (PMRE) =  $360 \times \text{estoques} / \text{CMV}$
- b) PMRV =  $360 \times \text{Duplicatas a receber} / \text{Vendas a prazo do ano}$
- c) Fórmula: Prazo Médio de Pagamento de Compras (PMPC) =  $360 \times \text{Fornecedores} / \text{Compras}$

EXERCÍCIO	PMRE	PMRV	PMPC
20x7	$\frac{840.000 \times 360}{3.400.000} = 89 \text{ dias}$	$\frac{1.250.000 \times 360}{5.500.000} = 82 \text{ dias}$	$\frac{950.000 \times 360}{4.100.000} = 83 \text{ dias}$
20x8	$\frac{1.080.000 \times 360}{4.200.000} = 92 \text{ dias}$	$\frac{1.450.000 \times 360}{6.400.000} = 81 \text{ dias}$	$\frac{1.800.000 \times 360}{4.400.000} = 147 \text{ dias}$
20x9	$\frac{1.400.000 \times 360}{5.300.000} = 95 \text{ dias}$	$\frac{1.800.000 \times 360}{8.100.000} = 80 \text{ dias}$	$\frac{2.500.000 \times 360}{4.900.000} = 183 \text{ dias}$

Quadro 19 – Cálculo dos prazos médios.

Uma vez encontrados os prazos médios de renovação de estoques, de recebimento de vendas e de pagamento de compras (fornecedores), aplica-se as fórmulas para encontrar os ciclos operacional e financeiro, conforme Quadro 20.

FÓRMULA DO CICLO	20X7	20X8	20X9
CO = PMRE + PMRV	171	173	175
CF = CO – PMPC	88	26	-8



Quadro 20 – Ciclo Operacional e Financeiro.

A Figura 5 demonstra a representação gráfica dos ciclos operacionais e financeiros dos três exercícios.

20x7	PMRE = 89	PMRV = 82	CO = 171
	_____ + _____		
	PMPC = 83	CF = 88	
	_____ - - - - -		
20x8	PMRE = 92	PMRV = 81	CO = 173
	_____ + _____		
	PMPC = 147	CF = 26	
	_____ - - - - -		
20x9	PMRE = 95	PMRV = 80	CO = 175
	_____ + _____		
	PMPC = 183	CF = -8	
	_____ - - - - -		

Figura 5 – Representação gráfica do Ciclo Operacional e Financeiro.

Observa-se que em 20x7 a empresa financiava 88 dias do seu ciclo operacional com recursos próprios. Em 20x8, por meio de uma boa administração do capital de giro, a empresa conseguiu reduzir o ciclo financeiro para 26 dias. No entanto, a melhor administração do capital de giro foi em 20x9 em que a empresa conseguiu financiar todo seu ciclo operacional, contando ainda com 8 dias para aplicar em outras despesas ou outros investimentos.

Observa-se que, na prática, isso não é fácil de se conseguir. Ganhar maior prazo junto aos fornecedores nem sempre é possível.

Conhecidos os prazos médios e encontrados os ciclos operacionais e financeiros é possível realizar a análise do capital de giro.

### 7.1.6.1 Análise do Capital de Giro



Saber analisar a Necessidade de Capital de Giro (NCG), é um diferencial positivo na implementação de estratégias nas entidades.

Para a análise da NCG, parte-se da análise conjunta dos prazos médios, considerando que existe uma relação direta entre o número de dias do ciclo financeiro ou de caixa e o dinheiro investido.

Conhecer a Necessidade de Capital de Giro ajuda nas estratégias de financiamento, crescimento e lucratividade.

### 7.1.6.2 Considerações sobre a NCG

Ao padronizar o Balanco patrimonial aprendido na unidade sobre padronização, deparou-se com a segmentação do Ativo Circulante e do Passivo Circulante em Operacional e Financeiro, os quais fogem das classificações habituais de elaboração de demonstrativos contábeis. O objetivo da padronização, segundo Matarazzo (1998), é justamente o de preparar os dados para a apuração da NCG.

O Ativo Circulante Operacional (ACO) é aquele investimento que decorre automaticamente das atividades de compra/produção/estocagem/venda, enquanto o Passivo Circulante Operacional (PCO) é o financiamento, também automático, decorrente dessas atividades.

A diferença entre ACO e PCO é quanto a empresa necessita de capital para financiar o giro, ou seja, a NCG, a qual é representada pela Fórmula:

$$\text{NCG} = \text{ACO} - \text{PCO}$$

NCG – Necessidade de Capital de Giro

ACO – Ativo Circulante Operacional

PCO – Passivo Circulante Operacional

### 7.1.6.3 Análise da Necessidade de Capital de Giro

As situações básicas que ocorrem numa empresa, segundo Matarazzo (1998), com relação aos investimentos e financiamentos (ACO e PCO) podem ser assim resumidas:



- $ACO > PCO$ : Há uma NCG para a qual a empresa deve encontrar fontes adequadas de financiamento. É a situação normal na maioria das empresas.
- **$ACO = PCO$ : Neste caso a NCG é igual a zero e, portanto, a empresa não tem necessidade de financiamento para o giro.**
- $ACO < PCO$ : A empresa tem mais financiamentos operacionais do que investimentos operacionais. Sobram recursos das atividades operacionais, os quais poderão ser usados para aplicação no mercado financeiro ou para expansão da planta fixa.

O Quadro 21 apresenta exemplos de apuração da necessidade de capital de giro.

	20X7	20X8	20X9
<b>Ativo Circulante Operacional (1)</b>	<b>1.796.846</b>	<b>2.161.947</b>	<b>2.848.575</b>
Clientes	1.045.640	1.122.512	1.529.061
Estoques	751.206	1.039.435	1.317.514
<b>Passivo Circulante Operacional (2)</b>	<b>(984.159)</b>	<b>(928.763)</b>	<b>(1.122.534)</b>
Fornecedores	(708.536)	(639.065)	(688.791)
Outras Obrigações	(275.623)	(298.698)	(433.743)
NCG = (1) – (2)	812.687	1.233.184	1.724.041

Quadro 21 – Exemplo de demonstração da Necessidade de Capital de Giro.  
Fonte: Adaptado de Matarazzo (1998).

Percebe-se que a necessidade de capital de giro nos três anos apresentados aumentou, praticamente dobrou. A empresa normalmente conta com três tipos de financiamento, quais sejam:

- Capital Circulante Próprio;
- Empréstimos e Financiamentos Bancários de Longo Prazo;
- Empréstimos Bancários de Curto Prazo e Duplicatas Descontadas.

Os fornecedores, salários a pagar, impostos a pagar e a recolher, encargos sociais a pagar e a recolher, bem como outras contas a pagar não onerosas, que compõem o Passivo Circulante Operacional, acabam financiando o Ativo Circulante Operacional, o qual é composto pelos Clientes (contas a receber), Estoques e outras contas do Ativo Circulante.

No entanto, no processo de administrar o capital de giro em que estão envolvidas as atividades de comprar, fabricar, vender e receber o produto, existem custos/despesas que a empresa necessita pagar/desembolsar e que muitas vezes não são financiados por terceiros não onerosos, obrigando a entidade a buscar fontes de financiamentos, seja por meio de recursos próprios (capital circulante próprio) ou de instituições bancárias.

Para encontrar a real necessidade de capital de giro, segundo Matarazzo (1998), utiliza-se a fórmula:

$$CG = (CC \times VD) + A$$

Em que:

NCG = Necessidade de Capital de Giro (recursos necessários para financiar o Ativo Circulante Operacional)

CC = Ciclo de Caixa ou também conhecido como ciclo financeiro

VD = Vendas Diárias =  $\frac{\text{Vendas Anuais}}{360}$

A = Ajuste: é o resultado de Outros Ativos Circulantes Operacionais menos Outros Passivos Circulantes Operacionais (como salários, encargos e tributos a pagar), ou seja, valores de Ativo e Passivo Circulante que surgem das operações e cujo saldo, em geral de pequeno montante, será um ajuste (acréscimo ou decréscimo) da NCG.

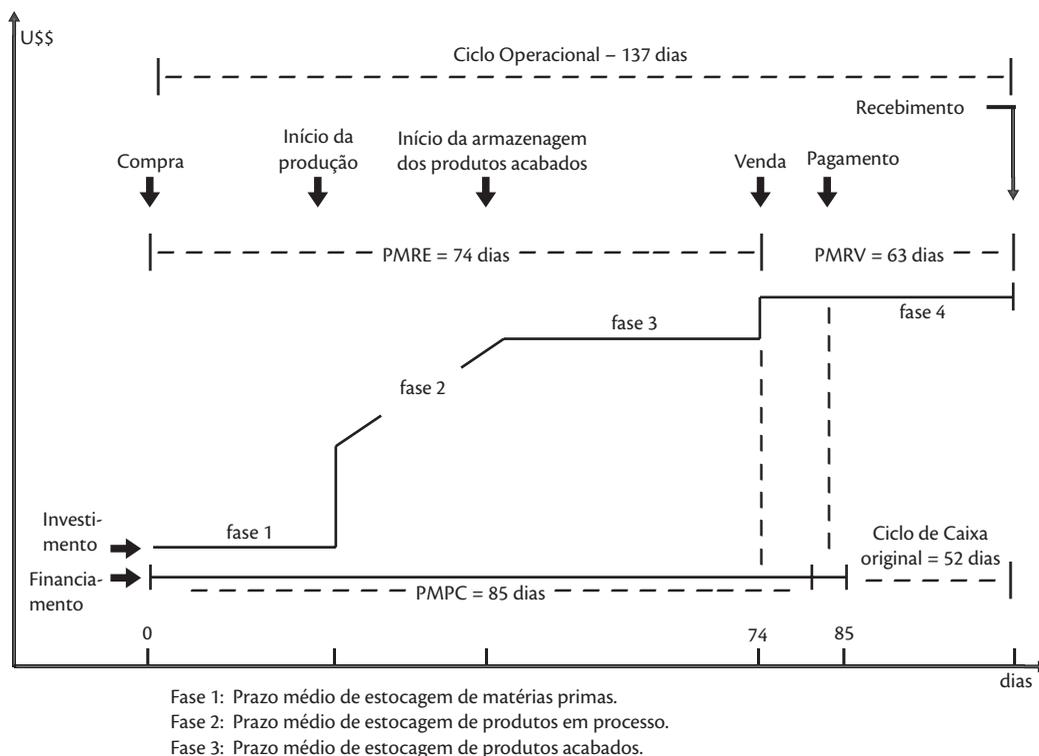


Figura 6 – Necessidade de Capital de Giro.  
 Fonte: Matarazzo (1998, p. 350)

Matarazzo (1998) explica que em um ciclo operacional de 137 dias, significa que a empresa espera, em média, 137 dias desde a aquisição da matéria-prima, até o recebimento do dinheiro da venda do produto fabricado com esta matéria-prima, ou seja, a empresa financeiramente investe por 137 dias. Mas o investimento neste período não é fixo.

Na fase 1, a empresa apenas estoca matérias-primas e conta com financiamento integral do fornecedor. A linha de financiamento encontra-se na mesma linha de investimento.

Depois da estocagem da matéria-prima, que leva alguns dias, o setor produtivo irá iniciar a produção, novos custos serão agregados. Com os produtos prontos, novos investimentos são efetuados, novos custos aparecem por ocasião da venda. A partir de determinado dia, fase 2, a empresa começa investir recursos na produção, fazendo-o por x dias.

Depois investe, por  $y$  dias, em estoque de produtos acabados, totalizando 74 dias de investimento em estoques totais. Do 75° ao 85° dia, ela investe em vendas, mas continua contando com o mesmo financiamento original (fornecedores) até este momento. Por último, a empresa segue investindo em vendas do 86° dia até o 137° dia, mas já sem financiamento de fornecedores.

Após o financiamento de fornecedores que dura 85 dias e que é fixo, inicia-se o ciclo de caixa, que nesse exemplo é de 52 dias, o qual corresponde ao número de dias em que a empresa financia sozinha o ciclo operacional.

O Ciclo de Caixa é definido como o período de tempo em que a empresa necessita de recursos para financiar o giro (Ativo Circulante Operacional).

O que pode ser verificado pelo gráfico, é que existem vários pequenos Ciclos de Caixa, e em cada um encontra-se um nível diferente de financiamento necessário. Portanto, existe um Ciclo de Caixa parcial de  $x$  dias na fase 2, outro de  $y$  dias na fase 3, que se somam ao ciclo de caixa original que no exemplo é de 52 dias, para formar o ciclo de caixa equivalente.

O ciclo de caixa equivalente pode ser encontrado pela fórmula:

$$ax + by + 52$$

Em que:

$a$  = percentual financiado pela empresa;

$b$  = percentual financiado pela empresa;

$x$  = número de dias da fase 2;

$y$  = número de dias da fase 3.

Supondo-se que:

- na fase 2 dura 40 dias e a empresa investe 15% com recursos financeiros;
- na fase 3 dura 20 dias e a empresa investe 35% com recursos financeiros.

Aplicando-se a fórmula, encontra-se o ciclo de caixa equivalente, ou seja: ciclo de caixa =  $(15\% \text{ de } 40) + (35\% \text{ de } 20) + \text{ ciclo de caixa normal que é de } 52 \text{ dias}$ .

O resultado é um ciclo de caixa equivalente de 65 dias.



Traduzindo em números para fins de análise, a empresa a cada ciclo operacional de 137 dias tem que financiar 65 dias com recursos próprios ou de terceiros (financiamentos e empréstimos bancários).

## 7.2 ÍNDICES OU QUOCIENTES DE CAPITAIS PRÓPRIOS

São obtidos pelo confronto entre o Patrimônio Líquido e vários elementos do Balanço Patrimonial. Eles evidenciam a posição do Capital Próprio no conjunto Patrimonial e podem ser calculados de acordo com a necessidade do analista pelas seguintes fórmulas:

### **Patrimônio Líquido / Ativo Circulante**

Revela quanto a entidade possui de Capital Próprio para cada \$ 1,00 de Ativo Circulante.

### **Patrimônio Líquido / Ativo Total**

Revela quanto a empresa possui de Capital Próprio para cada \$ 1,00 Ativo Total

### **Patrimônio Líquido / Ativo Real**

Revela quanto a empresa possui de Capital próprio para cada \$ 1,00 de Ativo Real.

O Ativo Real é encontrado pelo Ativo Total menos as Despesas do Exercício Seguinte, as Despesas de Exercícios Futuros e créditos considerados incorráveis ou duvidosos, como cheques devolvidos, etc.

## 7.3 ÍNDICE OU QUOCIENTE DE ESTABILIDADE

É conhecido também como medida de estabilidade, é obtido pela seguinte fórmula:

### **Ativo Não Circulante Permanente / Passivo Não Circulante**

Este índice revela quanto a entidade utilizou de Capitais de Terceiros a Longo Prazo para cada \$ 1,00 investido no Ativo Não Circulante Permanente. Evidencia a garantia dada aos credores pelo Ativo Não Circulante Permanente.

É interessante investir no Ativo Não Circulante Permanente com recursos próprios ou através de recursos de terceiros de longo prazo, deixando que o Passivo Circulante financie o Ativo Circulante.

## 7.4 ÍNDICES OU QUOCIENTES DE INTERESSE DOS INVESTIDORES

Por estes índices os acionistas podem conhecer a rentabilidade de seus investimentos em ações.

### 7.4.1 RENDIMENTO NOMINAL DAS AÇÕES

O Rendimento Nominal das Ações é encontrado pela fórmula:

$$\text{Dividendos} / \text{Capital Nominal}$$

Revela o rendimento obtido pelos acionistas por meio de dividendos recebidos, em relação ao Capital Nominal investido na entidade, quanto a empresa distribuiu de dividendos para cada real de Capital Nominal

Capital Nominal, segundo Ribeiro (1997), é a parte dos Capitais Próprios investida na empresa pelo titular ou pelos sócios. É contabilizado no grupo do Patrimônio Líquido como Capital Subscrito, Capital Nominal ou Capital Social.

### 7.4.2 RENDIMENTO REAL DAS AÇÕES

O Rendimento Real das Ações é encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{Dividendos} / \text{Patrimônio Líquido}$$

Indica a rentabilidade obtida pelo Patrimônio Líquido da empresa, ou seja, quanto a entidade pagou de dividendos para cada \$ 1,00 de Patrimônio Líquido existente.



### 7.4.3 RENDIMENTO ATUALIZADO DAS AÇÕES

O Rendimento Atualizado das Ações é encontrado pela fórmula:

$$\text{Dividendos} / \text{Valor de Mercado da Ação}$$

Indica a rentabilidade da ação oferecida pelo mercado em relação ao seu preço de cotação na Bolsa, ou seja, quanto a empresa distribuiu de dividendos para cada ação, considerando o seu valor de mercado.

### 7.4.4 RENDIMENTO TOTAL DAS AÇÕES

É encontrado pela fórmula:

$$\text{Dividendos} + \text{Bonificações} / \text{Valor de Mercado da Ação}$$

Evidencia qual foi a remuneração total oferecida pela entidade para cada ação, ou seja, quantos reais a entidade pagou de dividendos mais bonificações para cada ação, considerando seu valor de mercado.

### 7.4.5 RETORNO DO CAPITAL INVESTIDO

O Retorno do Capital Investido é encontrado pela fórmula:

$$\text{Valor de Mercado da Ação} / \text{Número de ações em Circulação}$$

Evidencia o número de anos que o investidor deverá esperar para recuperar, por meio de lucros recebidos, o capital que investiu na compra de ações da entidade.

### 7.4.6 VALOR PATRIMONIAL DA AÇÃO

O Valor Patrimonial da Ação é encontrado pela fórmula:

$$\text{Patrimônio Líquido} / \text{Número de Ações em Circulação}$$

Revela o valor patrimonial de cada ação, ou seja, quanto de Patrimônio Líquido existe para cada ação em circulação.

## 7.5 EBITDA

O *Earning Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortization* (EBITDA) traduzida como o Lucro Antes dos Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações, no Brasil conhecido como LAJIDA, é um indicador utilizado pelas empresas que operam no mercado aberto.

O EBITDA é utilizado para medir com maior precisão a produtividade e eficiência da empresa. Serve para comparar empresas de mesmo segmento de mercado. No entanto, cabe observar que o EBITDA pode gerar distorção quanto à efetiva liquidez da entidade, pois não considera o montante de reinvestimento realizado pela empresa, ao desconsiderar a depreciação.

## 7.6 ALAVANCAGEM FINANCEIRA

De acordo com Matarazzo (1998), a rentabilidade dos negócios mais a boa administração dos recursos financeiros da empresa são responsáveis pelo retorno do capital investido pelos acionistas/sócios. Para determinar o grau de rentabilidade da empresa, são utilizadas as seguintes fórmulas:

1) Retorno sobre o ativo (RsA) = Lucro Antes das Despesas Financeiras (LADF) / Ativo Operacional

$$RsA = \frac{LADF}{A} \%$$

Revela quanto a empresa gera de lucro para cada R\$ 100 investidos. Revela quanto foi a rentabilidade do negócio, sendo que quanto maior for o quociente/índice maior será a eficiência da empresa.

2) Custo da Dívida (CD) = Despesas Financeiras (DF) / Passivo gerador de encargos

$$CD = \frac{DF}{PE} \%$$

Indica quanto a empresa paga de juros para cada R\$ 100,00 obtidos de Instituições Financeiras. Se a empresa paga mais R\$ de juros (custo da Dívida) do que o rendimento do investimento no negócio da empresa, os acionistas/



sócios pagam esta diferença com parte do lucro ou com seus capitais próprios. Se a empresa obtém custos de dívidas menores que o retorno sobre o Ativo, os acionistas ganham a diferença. Então, a taxa de retorno sobre o PL será maior que a taxa de retorno sobre o Ativo.

3) Retorno s/ Patrimônio Líquido (RsPL) = Lucro Líquido / Patrimônio Líquido

$$\text{RsPL} = \frac{\text{LL}}{\text{PL}} \%$$

Revela quanto os acionistas ganham para cada R\$ 100,00 investidos. O que interessa para a empresa é o retorno sobre o Patrimônio Líquido. Os índices encontrados pelas fórmulas 1 e 2 são informações gerenciais que evidenciam como a empresa atingiu o retorno sobre o PL.

A razão sobre os índices de retorno sobre o PL e de retorno sobre o Ativo é denominado Grau de Alavancagem Financeira (GAF). O GAF é encontrado pela seguinte fórmula:

$$\text{GAF} = \frac{\text{RsA} + (\text{RsA} - \text{CD}) \times \text{PE/PL}}{\text{RsA}}$$

O Quadro 22 apresenta dados necessários para o cálculo do Grau de Alavancagem Financeira.

CONTAS	31.12.X9
Ativo total	1.000
Empréstimos Bancários	400
Patrimônio Líquido	600
Vendas líquidas	2.500
CMV	1.500
Lucro bruto	500
Despesas operacionais (exceto financeiras)	200
Lucro Antes das Despesas Financeiras	300
Despesas financeiras	80
Lucro líquido	220

Quadro 22 – Dados para cálculo do grau de alavancagem financeira.

Do exemplo apresentado no Quadro 22 aplica-se as fórmulas para encontrar a alavancagem, conforme segue:

$$RsA = 300 / 1.000 = 30\%$$

$$CD = 80 / 400 = 20\%$$

$$RsPL = 220 / 600 = 36,66\%$$

$$GAF = \frac{30 + (30 - 20) 400 / 600}{30}$$

$$GAF = 36,66\% / 30\% = 1,22$$

Interpretação, conforme Matarazzo (1998):

- A empresa gera um lucro de R\$ 30,00 para cada R\$ 100,00 investidos. Para cada R\$ 100,00 tomados emprestados a empresa paga R\$ 20,00 de juros (custo da dívida).
- Para cada R\$ 100,00 tomados emprestados, ganha R\$ 10,00 (como a empresa tomou R\$ 400,00 emprestados, ganhou R\$ 40,00). Para os R\$ 600,00 de PL a empresa ganharia R\$ 180,00, considerando a taxa de retorno sobre o Ativo (ou seja, a taxa de 30%) que o negócio rende; com mais os citados R\$ 40,00, alcançou um lucro de R\$ 220,00.
- Os R\$ 40,00 adicionais pelos R\$ 600,00 de PL representam uma taxa incremental de 6,66% ( $40 / 600 = 6,66\%$ ) que somados à taxa de 30% dá os 36,66%. Sob outro ângulo, a empresa ganha adicionalmente a diferença entre as taxas de retorno sobre o Ativo e a taxa de custo de dívida ( $30\% - 20\% = 10\%$ ) que, multiplicada pela proporção entre Passivo gerador de encargos e PL de 66,66% ( $400 / 600$ ), resulta num incremento da taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido de 6,66% (10% de 66,66%).

Assim, para cada 30% de rentabilidade do negócio (retorno sobre o Ativo) a empresa consegue 36,66% para os acionistas, ou seja, uma impulsão de 1,22 vezes. Esse é o significado da alavancagem. O grau de alavancagem financeira de 1,22 também pode ser interpretado em que cada 1% de rentabilidade gerado pela empresa foi transformado em 1,22%, graças ao êxito da alavancagem.



## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade foi possível entender a contribuição dos índices complementares na elaboração da análise mais completa.



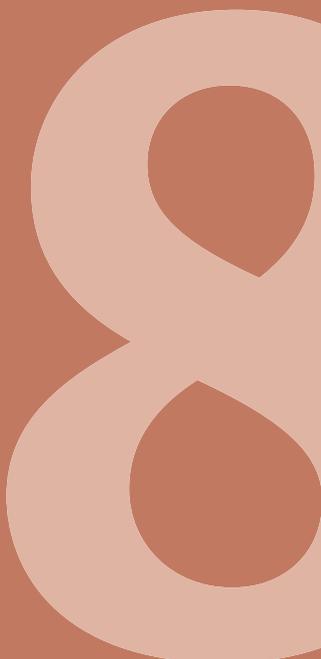
Agora, vamos ao AVEA para a videoaula.



## Unidade 8

# **ANÁLISE DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA (DFC)**

O objetivo desta unidade é conhecer em detalhes as modificações nos fluxos de caixa oriundas das atividades operacionais, investimento e financiamento.





Possuir uma Demonstração dos Fluxos de Caixa é importante tanto para ajudar as pessoas físicas como para as pessoas jurídicas. Nesse sentido, é necessário que o profissional de Contabilidade saiba como extrair dados desse relatório e, principalmente, saiba transformá-los em informações para os tomadores de decisão.

Ao analisar a DFC, consegue-se identificar a autossuficiência das entidades para financiar o capital de giro, a capacidade de expansão por meio de novos investimentos, amortizar dívidas, entre outras.

Existem diversos indicadores que auxiliam o analista a produzir um relatório do comportamento das entradas e saídas de recursos. No Quadro 23 é apresentado um demonstrativo de caixa adaptado para fins de análise.

<b>DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA DOS EXERCÍCIOS FINDOS EM:</b>	<b>20X7</b>	<b>20X8</b>
Receita Recebida	35.000	45000
(-) Custos – Pagos	-6.000	-9000
a) Caixa Bruto nas Operações	29.000	36.000
(-) Desp. Vendas/ Administrativas	-8.000	-11000
b) Caixa gerado nas Operações	21.000	25.000
(-) Outras Despesas	-5.000	-7000
c) Caixa após Itens Não Operacionais	16.000	18.000
(-) Desp. Financeiras	-8.000	-10000
d) Caixa após Operações Financeiras	8.000	8.000
(-) Amortização de Empréstimos	-4.000	-6000
e) Caixa após Amortização de Empréstimos	4.000	2.000
Novos Financiamentos	10.000	12000
f) Caixa após Novas Fontes	14.000	14.000
(-) Aquisição de Imobilizado	-8.000	-12000
g) Caixa Líquido Final	6.000	2.000

**Quadro 23** – Demonstração adaptada para análise dos fluxos de caixa de 20x7 e 20x8.  
Fonte: Adaptado de Marion (2002).

Utilizando-se os dados apresentados no Quadro 23, Marion (2002) aplica as seguintes fórmulas:



### a) Cobertura de Juros

A cobertura de juros é encontrada pela seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Caixa Gerada nas Operações (b)}}{\text{Juros pagos no período}}$$

Aplicando-se a fórmula com os dados da DFC dos anos de 20x7 e 20x8 encontram-se os indicadores demonstrados no Quadro 24.

ANO	COBERTURA DE JUROS	INDICADOR
20x7	$\frac{21.000,00}{4000}$	5,25
20x8	$\frac{25.000,00}{6.000,00}$	4,16

Quadro 24 – Indicadores de cobertura de juros.

O caixa gerado nas operações ainda não inclui os impostos e os juros pagos. Ao calcular os indicadores, pode ser inferido que: em 20x7 a cada R\$ 1,00 pago de juros a empresa gerou R\$ 5,10 de caixa nas atividades operacionais; em 20x8 para cada R\$ 1,00 pago de juros a empresa gerou R\$ 4,16. Também se pode dizer que a empresa em 20x7 teve que trabalhar 2 meses e aproximadamente 8 dias para gerar caixa para pagar juros. Em 20x8 teve que trabalhar 2 meses e aproximadamente 26 dias.

### b) Capacidade de Quitar Dívida

Para ser encontrada a capacidade que a empresa possui de quitar suas dívidas, utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Caixa Gerado nas Operações após Operações Financeiras(d)}}{\text{Financiamentos Onerosos}}$$

Supondo que o passivo gerador de encargo (instituições financeiras) tanto de longo como de curto prazo em 20x7 e 20x8 foram de R\$ 30.000,00 e R\$ 36.000,00, respectivamente, são encontrados os seguintes indicadores:

ANO	CAPACIDADE DE QUITAR DÍVIDAS	INDICADOR
20x7	$\frac{8.000,00}{30.000}$	0,266
20x8	$\frac{8.000,00}{36.000,00}$	0,222

Quadro 25 – Indicadores de capacidade de Quitar Dívidas.

## Unidade 8 – Análise da Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC)

A empresa em 20x7 gerou recursos para pagar 26,6% da dívida e em 20x8 conseguiu gerar 22,2% de recursos para pagamento das dívidas. Significa dizer também que em 20x7 a empresa demoraria quase quatro anos para pagar suas dívidas e em 20x8 levaria quase cinco anos para pagar suas dívidas.

### c) Taxa de Retorno do Caixa

Para encontrar a taxa de retorno do caixa é necessário aplicar a seguinte fórmula:

#### Caixa Gerado nas Operações (b)

##### Ativo

Supondo que o ativo em 20x7 foi de R\$ 210.000,00 e em 20x8 foi de R\$ 400.000,00, aplica-se a fórmula conforme Quadro 25.

ANO	TAXA DE RETORNO DO CAIXA	INDICADOR
20x7	$\frac{21.000,00}{210.000}$	0,10
20x8	$\frac{25.000,00}{400.000,00}$	0,06

Quadro 26 – Indicadores de capacidade de Quitar Dívidas.

Equivale a dizer que o ativo total da empresa consegue gerar 10% em 20x7 e 6% em 20x8 de caixa por ano ou, também, que em 20x7 a empresa levaria 10 anos e em 20x8 16,6 anos para gerar seu ativo equivalente de caixa. A empresa piorou a geração de caixa de um ano para outro.

Poderia também ser calculado sobre o Ativo Operacional. Outra opção seria sobre o Patrimônio Líquido, encontrando-se a taxa de retorno do caixa em relação aos recursos investidos pelos proprietários.

### d) Nível de Recebimento de Vendas

Para encontrar o nível de recebimento de vendas é necessário aplicar a seguinte fórmula:

#### Caixa Gerado nas Vendas

##### Vendas

Supondo que as vendas em 20x7 foram de R\$ 80.000,00 e a empresa teve um recebimento de R\$ 35.000,00 e em 20x8 foram de R\$ 100.000,00 e teve recebimento de R\$ 45.000,00, encontrar o nível de recebimento.



ANO	NÍVEL DE RECEBIMENTO DE VENDAS	INDICADOR
20x7	$\frac{35.000,00}{80.000,00}$	0,4375
20x8	$\frac{45.000,00}{100.000,00}$	0,45

Quadro 27 – Indicadores do nível de recebimento de vendas.

Significa que em 20x7 do total vendido a empresa conseguiu receber 43,75% e em 20x8 conseguiu receber 45%. Houve pequena evolução no recebimento de um ano para outro.

#### e) Capacidade de Novos Investimentos

Para encontrar a capacidade de realização de novos investimentos utiliza-se a seguinte fórmula:

#### Caixa Gerado nas Operações após Operações Financeiras(d) Novos Investimentos no Imobilizado

ANO	CAPACIDADE DE NOVOS INVESTIMENTOS	INDICADOR
20x7	$\frac{8.000,00}{8.000,00}$	1.00
20x8	$\frac{8.000,00}{12.000,00}$	0,67

Quadro 28 – Indicadores de capacidade de realizar novos investimentos.

Encontrou-se que a capacidade de gerar recursos, após pagamento dos dividendos, para a continuidade do negócio, financiando com recursos próprios novos imobilizados em 20x7, foi de 100% e em 20x8 foi de 67%, ou seja, nos dois anos a empresa conseguiu gerar recursos para adquirir novos investimentos. Houve redução na capacidade de gerar recursos para investimento de 20x7 para 20x8.



Outra maneira seria realizar a análise vertical e horizontal dos fluxos de caixas dos dois anos, ajudaria sobremaneira no processo de avaliação das necessidades de recursos.

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você teve uma ampliação da análise de capital de giro, da necessidade de capital de giro e a influência na alteração dos índices de liquidez.

Assista agora à videoaula desta unidade.





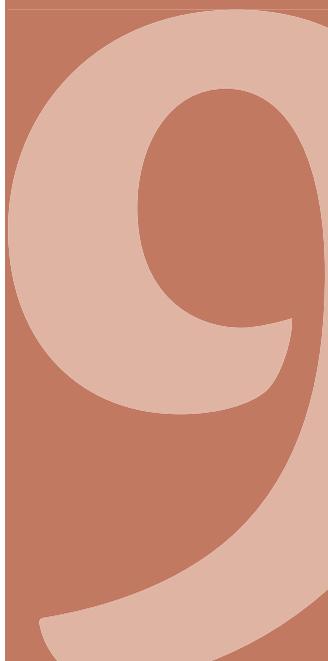


## Unidade 9

# **ANÁLISE DO BALANÇO SOCIAL E BALANÇO AMBIENTAL**

O objetivo desta unidade é conhecer melhor os reflexos das ações voltadas ao social e ambiental.

---



Inicialmente, apresentam-se alguns indicadores de balanço social e ambiental. Em seguida são apresentadas as informações referentes ao valor agregado ou adicionado proporcionado pela empresa num determinado período.

## 9.1 ANÁLISE DO BALANÇO SOCIAL E AMBIENTAL

Também é possível realizar análise das ações socialmente responsável realizadas pela entidade. Alguns indicadores são apresentados por Francischini (2009), conforme Tabela 5, os quais permitem conhecer as ações sociais realizadas.

Tabela 5 – Indicadores de desempenho.

Nº	OBJETIVO ESTRATÉGICO	INDICADOR	DESCRIÇÃO
1	Eliminar discriminação de qualquer tipo	(n.func. > 45 anos + n.func. Mulheres + n.func. Negros + n.func. c/ defic.) / n.func. total ao final do período	Mostra que a empresa mantém no quadro de funcionários, colaboradores sem discriminação de raça, sexo, idade e condições físicas
		(% das mulheres em chefia + % de negros em chefia)	Mostra que a empresa não discrimina negros e mulheres a assumir cargos de chefia
2	Mostrar que a empresa direciona recursos para a sociedade	%(total das contribuições para a sociedade + total dos investimentos em meio ambiente) / resultado operacional	Mostra que a empresa direciona recursos espontâneos para a sociedade
		% tributos (excluídos encargos sociais) s/ resultado operacional	Mostra que a empresa paga corretamente os tributos legais que serão direcionados posteriormente para o bem estar da sociedade
3	Apoiar projetos para o bem estar dos funcionários	% Total - Indicadores Sociais Internos s/ Folha de Pagamento Bruta	Mostra que a empresa investe recursos financeiros para o bem estar dos funcionários
4	Apoiar projetos ambientais	% Total dos Investimento em Meio Ambiente s/ Resultado Operacional	Mostra que a empresa direciona parte dos recursos gerados em sua atividade primária para preservação do Meio Ambiente
5	Apoiar projetos para o bem estar da sociedade	% Total das contribuições para a sociedade s/ Resultado Operacional	Mostra que a empresa direciona parte dos recursos gerados em sua atividade primária para o bem estar da comunidade
		% Total investimentos e contribuições em áreas prioritárias s/ (Total das contribuições para a sociedade + Total dos investimentos em Meio Ambiente)	Mostra ao acionista que os investimentos e contribuições estão corretamente direcionados para as áreas prioritárias declaradas pela empresa
6	Produtividade adequada em processos com MO	Resultado Operacional / Folha de Pagamento Bruta	Mostra que a MO motivada pelos investimentos sociais internos gera recursos adequados para melhoria do bem estar dos funcionários
7	Transparência e democratização das informações	% n. dados informados no Balanço Social s/ n. dados solicitados no Balanço Social	Mostra que a empresa partilha com a sociedade as informações sobre os aspectos sociais relevantes e solicitadas pelos órgãos competentes



Nº	OBJETIVO ESTRATÉGICO	INDICADOR	DESCRIÇÃO
8	Produtividade adequada na sua atividade primária	% Resultado Operacional s/ Receita Líquida	Mostra que a empresa gera recursos em sua atividade primária e que, parte deles, podem ser direcionados para as atividades relativas a responsabilidade social
9	Gestão do RH com enfoque social	% var. n. func. no período s/ n. empregados ao final do período	Mostra que a empresa mantém estável ou aumenta o n. de seus colaboradores, como forma de motivação não financeira para aumento da produtividade
		% n. func. > 45 anos s/ n. empregados ao final do período	Mostra não discriminação em relação à idade dos colaboradores
		% n. mulheres s/ n. empregados ao final do período	Mostra não discriminação em relação ao sexo dos colaboradores
		% n. negros s/ n. empregados ao final do período	Mostra não discriminação em relação à raça dos colaboradores
		% n. deficientes s/ n. empregados ao final do período	Mostra não discriminação em relação a deficiências físicas dos colaboradores
		% cargos de chefia ocupados por mulheres	Mostra não discriminação para promoção de mulheres a cargos de chefia
		% cargos de chefia ocupados por negros	Mostra não discriminação para promoção de negros a cargos de chefia
10	Motivação através de benefícios financeiros	% Participação nos lucros ou resultados s/ Resultado Operacional	Mostra que a empresa distribui parte dos recursos gerados com sua atividade primária para seus colaboradores, como forma de motivação para aumento da produtividade
		%(Total - indicadores sociais internos - Encargos sociais compulsórios - Participação nos lucros ou resultados) s/ Folha de pagamento bruta	Mostra que a empresa procura motivar seus funcionários através de benefícios financeiros consideráveis

Fonte: Francischini ([www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)).



Outros indicadores de balanço social e ambiental podem ser encontrados na tese de doutorado da profa. Elisete Dahmer Pfischer, disponível em [www.bu.ufsc.br](http://www.bu.ufsc.br)

## 9.2 ANÁLISE DO VALOR ADICIONADO OU AGREGADO

Marion (2002) apresenta alguns indicadores para analisar o valor adicionado, conforme Quadro 29.

## Unidade 9 – Análise do balanço social e balanço ambiental

INDICADOR	FÓRMULA	O QUE MEDE
Potencial do Ativo em Gerar Riqueza	Valor Adicionado Ativo	Quanto real investido no Ativo gera de riqueza, a ser transferido para vários setores que se relacionam com a empresa
Retenção	Valor Agregado Receita Total	Evidencia quanto permanece na empresa acrescentando valor ou benefício para funcionários, acionistas, governo, financiadores e lucro retido
Valor adicionado <i>per capita</i>	Valor adicionado No de funcionários (média)	Informa a participação de cada empregado na riqueza gerada na organização

Quadro 29 – Indicadores de Valor Adicionado.  
Fonte: Adaptado de Marion (2002).

Outros quocientes são indicados por Marion (2002), conforme segue:

- empregados/valor adicionado;
- juros/valor adicionado;
- dividendos/valor adicionado;
- impostos/valor adicionado;
- lucro reinvestido/valor adicionado.

Além desses indicadores, outros podem ser criados para auxiliar o processo de avaliação e análise das ações sociais.

### RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você estudou a influência que as ações sociais e ambientais realizadas pelas empresas exercem sobre os públicos internos e externos da instituição.

Assista agora à videoaula desta unidade.







## Unidade 10

# **PRODUTO DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS**

Nesta unidade apresenta-se os produtos da Análise das Demonstrações Contábeis, que são os relatórios produzidos pelo analista que irá auxiliar na tomada de decisão empresarial.

Os produtos da Análise das Demonstrações Contábeis são os relatórios escritos em linguagem corrente e, quando possível, suportados por gráficos e quadros sumariados de forma gerencial. Esses relatórios devem ser a tradução dos elementos contidos nas demonstrações contábeis, devendo-se evitar os jargões contábeis.

## 10.1 CONTEÚDO DO RELATÓRIO

O relatório é um documento elaborado pelo analista de demonstrações Contábeis, que contém as conclusões resultantes do desenvolvimento do processo de análise.

Cada usuário da Análise das Demonstrações Contábeis pode exigir informações diferentes com relação à situação patrimonial da empresa. Assim, o analista das demonstrações contábeis deverá conduzir seus trabalhos para atender as necessidades de cada usuário.

Ribeiro (1997) recomenda os seguintes pontos para a elaboração de um Relatório de Análise da melhor maneira possível:

- O Relatório de Análise deve ser elaborado em linguagem inteligível para leigos, ainda que alguns usuários possuam conhecimentos de Contabilidade.
- Ao elaborar um Relatório de Análise, o analista deve procurar relatar suas conclusões visando auxiliar o usuário em suas tomadas de decisão.
- Os relatórios de Análise das Demonstrações Contábeis poderão conter muitas ou poucas informações conforme a necessidade do usuário. Em geral, o Relatório de Análise deve apresentar informações sobre a situação econômico-financeira da empresa e sobre seu desempenho ao longo dos períodos analisados, bem como as tendências para o futuro. Devem ser esclarecidas as causas que proporcionaram o grau de endividamento, liquidez e rentabilidade encontrados, sejam eles positivos ou negativos.



- Informações que os fornecedores querem saber a respeito de seus clientes:
  - a. Se terão ou não condições de pagar as duplicatas em dia (esta constatação pode ser feita através da análise dos Quocientes de Liquidez).
  - b. Se a situação de liquidez, seja ela favorável ou desfavorável, vai perdurar muito tempo ou se é passageira. Quando a situação de liquidez for desfavorável, se há tendência para reversão do quadro em pouco tempo (esta constatação será possível através da análise dos Quocientes de Rentabilidade).
  - c. Se, em situações inesperadas, terão ou não condições de levantar recursos junto a instituições financeiras, isto é, se o cliente encontra-se ou não totalmente endividado.
  - d. Se apresentam tendências para falência (esta constatação poderá ser feita através da análise dos Quocientes de Estrutura de Capitais).
- Informações que os bancos querem saber sobre seus clientes:
  - a. Se possuem ou não solidez financeira, isto é, se o grau de liquidez apresentado permite a concessão de empréstimos vencíveis em 30, 60, 90 ou mais dias (esta constatação será possível através do Quociente de Liquidez Seca).
  - b. Se, estão ou não totalmente endividados, ou seja, se possuem garantias para oferecer ao banco no momento da renegociação da dívida.
  - c. Se apresentam tendências para falência, o que ocorre quando a empresa convive com alto grau de endividamento.
  - d. Se futuramente a empresa terá condições de saldar suas dívidas tomadas em curto prazo. Conhecer a rentabilidade da empresa.

## Unidade 10 – Produto da análise das demonstrações contábeis

- Para que o Relatório de Análise seja inteligível por leigos, não devem apresentar dados como Quocientes, coeficientes ou Números-índices, os quais devem ser traduzidos em informações.

O analista deve anexar ao relatório de Análise das Demonstrações Contábeis os documentos que comprovam os resultados da análise. Estes documentos poderão variar em quantidade e espécie, de acordo com a profundidade dos exames efetuados. Normalmente, a um relatório breve, devem ser anexados o Balanço Patrimonial, a Demonstração do Resultado do Exercício e um mapa contendo os indicadores utilizados (Quocientes de Estrutura de Capitais, Liquidez e Rentabilidade além dos Quocientes-padrão).

Segundo Matarazzo (1998), em linhas gerais, podem-se listar as seguintes informações produzidas pela Análise de Balanços:

- situação financeira;
- situação econômica;
- desempenho;
- eficiência na utilização dos recursos;
- pontos fortes e fracos;
- tendências e perspectivas;
- quadro evolutivo;
- adequação das fontes às aplicações de recursos;
- causas das alterações na situação financeira;
- causas das alterações na rentabilidade;
- evidência de erros da administração;
- providências que deveriam ter sido tomadas e não foram;
- avaliação de alternativas econômico-financeiras futuras.



## 10.2 RELATÓRIO

Este tipo de relatório envolve apenas os aspectos mais importantes da situação patrimonial, e baseia-se na interpretação de poucos quocientes econômicos e financeiros, sendo preferido por bancos, clientes e fornecedores, além de outros usuários que se satisfazem com poucas informações (RIBEIRO, 1997).

Observe, a seguir, um modelo de relatório breve, apresentado por Ribeiro (1997), elaborado mediante a interpretação dos quocientes econômicos e financeiros calculados com base nas demonstrações financeiras da Comercial São Paulo S.A. Esse modelo considera, ainda, os Quocientes-padrão hipotéticos, conforme consta do mapa anexo ao relatório, a seguir.

SITUAÇÃO	RELATÓRIO
Após a análise e interpretação dos índices econômicos e financeiros calculados com base no Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado do Exercício da Comercial S.A., levantados em 31 de dezembro de x8, apresentamos as seguintes informações:	
Situação financeira	<p><b>a) Endividamento:</b> a empresa apresenta grau de endividamento satisfatório, uma vez que os Quocientes de Estrutura de Capitais encontram-se abaixo do Quociente Mediano de seus concorrentes. Isto pode ser comprovado pela preponderância dos Capitais Próprios sobre os Capitais de Terceiros, pela boa margem existente entre as obrigações de longo prazo e as obrigações de curto prazo e pela não imobilização total dos Capitais Próprios, revelando a existência de liberdade financeira para tomadas de decisões, sem a necessidade de sujeitar-se a regras impostas por credores;</p> <p><b>b) Liquidez:</b> em relação à solvência, a empresa encontra-se muito bem estruturada, apresentando solidez financeira que garante o cumprimento de seus compromissos de curto e de longo prazo. Operando com quocientes acima da mediana do ramo, apresenta garantia que pode ser oferecida a terceiros quando fatos inesperados colocarem a empresa em situação de insolvência momentânea.</p>
Situação econômica	<p><b>Rentabilidade:</b> a empresa apresenta situação econômica satisfatória em decorrência da boa rentabilidade, que permite girar em 5,26 anos o Capital total investido.</p>
Situação econômica e financeira	<p>A Comercial São Paulo S.A. encontra-se muito bem estruturada sob o ponto de vista econômico e financeiro devido ao baixo grau de endividamento, ao alto grau de liquidez e ao grau de rentabilidade que permite o retorno do Capital Próprio investido em apenas 2,63 anos, constituindo negócio altamente positivo para aqueles que confiaram na empresa.</p> <p>Ass.: _____ <b>Analista</b></p>

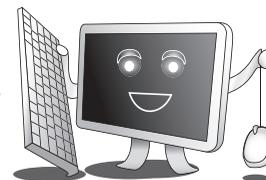
Quadro 30 – Exemplo simplificado de relatório de análise.

Fonte: Adaptado de Ribeiro (1997).

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade você aprendeu a construir um relatório de Análise das Demonstrações Contábeis. É importante destacar que além do relatório de análise, deve-se encaminhar planilhas com dados, as demonstrações contábeis e demais relatórios que contribuíram para a formação do relatório sintético.

Assista agora a videoaula desta unidade.



## REFERÊNCIAS

ALBERTON, Luiz. **Uma contribuição para formação de auditores contábeis independentes na perspectiva comportamental**. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) – Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BRASIL, **Lei 11.941/2009**. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) . Acesso em 12.07.2009.

CFC – CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Normas Brasileiras de Contabilidade Técnicas – NBC T**. Disponível em: <[www.cfc.org.br](http://www.cfc.org.br)>. Acesso em: 12 jul. 2009

FRANCISCHINI, Andresa Silva Neto. **Proposta de modelo para análise de balanço social através de indicadores de performance baseados no *balanced scorecard***. Disponível em: [www.ethos.org.br/\\_.../PEV-PropostadeModeloParaAnalisedeBalançoSocialatravesdeIndicador](http://www.ethos.org.br/_.../PEV-PropostadeModeloParaAnalisedeBalançoSocialatravesdeIndicador). Acesso em: 12 jul. 2009.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis**. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços**. São Paulo: Atlas, 1998.

PFITSCHER, Elisete Dahmer. **Gestão e sustentabilidade através da contabilidade e controladoria ambiental: estudo de caso na cadeia produtiva de arroz ecológico**. 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) – Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e análise de balanços**. São Paulo: Saraiva, 1997.

SÁ, Antonio Lopes de. **Dicionário de contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1995.

SÁ, A. Lopes de. **Curso de auditoria**. São Paulo: Atlas, 1998.

# SÍTIOS ELETRÔNICOS

<http://www.balancosocial.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>

<http://www.gerdau.com.br>

<http://www.cfc.org.br>

